



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

GABRIELA BARROS NUNES STUDART CORRÊA

A PRIMEIRA CHUVA DEPOIS DA SECA
Um documentário sobre arte e resiliência

Brasília-DF

2017

GABRIELA BARROS NUNES STUDART CORRÊA

A PRIMEIRA CHUVA DEPOIS DA SECA

Um documentário sobre arte e resiliência

Memória do produto apresentado a Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual.

Orientadora: Prof. Denise Moraes Cavalcante

Brasília- DF
2017

GABRIELA BARROS NUNES STUDART CORRÊA

A PRIMEIRA CHUVA DEPOIS DA SECA

Um documentário sobre arte e resiliência

BANCA EXAMINADORA

Professora Denise Moraes Cavalcante
Orientadora

Professor Marcos de Souza Mendes
Membro

Professor Pablo Gonçalo Pires de Campos Martins
Membro

Professora Dácia Ibiapina da Silva
Suplente

Agradecimentos

Obrigada Vicktor Alves, Rachel Denti, Alessandra Roscoe e Tereza Padilha. Não apenas por aceitar participar desse projeto, mas também por enriquecer e confortar o mundo com sua arte.

Obrigada a todos os professores que me ensinaram tanto durante meu tempo de UnB, em especial à Professora Denise Moraes, que me orientou nessa jornada e me introduziu à palavra resiliência quando ainda estava em dúvida em relação a qual caminho seguir. Um agradecimento especial também aos professores Marcos Mendes, Pablo Gonçalo e Dácia Ibiapina.

Agradeço à toda a equipe do documentário, em especial à Isabella, que tantas vezes me escutou e incentivou.

RESUMO

A Primeira Chuva Depois da Seca é um documentário de curta-metragem que explora o poder resiliente da arte na superação de uma adversidade ou de um momento conturbado na vida de uma pessoa. Sua narrativa foi construída por meio de depoimentos, imagens e sons de quatro artistas de Brasília: um fotógrafo, uma ilustradora, uma escritora e uma diretora de teatro.

Palavras-chave: arte, resiliência, adversidade, documentário.

Sumário

| | |
|-------------------------------|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. JUSTIFICATIVA | 9 |
| 3. OBJETIVOS | 10 |
| 3.1 Objetivo Geral | 10 |
| 3.2 Objetivos Específicos | 10 |
| 4. REFERENCIAL TEÓRICO | 11 |
| 4.1 Resiliência | 11 |
| 4.2 Arte e resiliência | 11 |
| 4.3 Documentário | 12 |
| 4.4 Artistas | 14 |
| 4.4.1 Flávio de Carvalho | 14 |
| 4.4.2 Chuck Palahniuk | 16 |
| 4.4.3 Frida Kahlo | 18 |
| 5. PERSONAGENS | 22 |
| 5.1 Vicktor Alves | 22 |
| 5.2 Rachel Denti | 24 |
| 5.3 Alessandra Roscoe | 31 |
| 5.4 Tereza Padilha | 34 |
| 6. METODOLOGIA | 36 |
| 6.1 Pré-Produção | 36 |
| 6.2 Produção | 36 |
| 6.3 Pós-Produção | 37 |
| 6.4 Cronograma | 38 |
| 7. CONCLUSÃO | 39 |
| 8. REFERÊNCIAS | 40 |
| 8.1 Referência Bibliográfica | 40 |
| 8.2 Referência Videográfica | 42 |
| 8.3 Referência Filmográfica | 43 |
| 9. ANEXOS | 44 |

| | |
|--|-----------|
| 9.1 Equipe | 44 |
| 9.2 Decupagem das entrevistas | 45 |

1 INTRODUÇÃO

No mundo da arte (seja na música, pintura, literatura, etc) podemos destacar inúmeros artistas marcados e influenciados por tragédias pessoais; e ao fazer uma análise das obras desses artistas, conseguimos compreendê-las melhor ao perceber como são um espelho de suas experiências. Ao saber da infância solitária e sofrida de Tim Burton, entendemos melhor as motivações dos monstros de seus filmes. Ao pesquisarmos a vida de Frida Kahlo - o acidente que a mudou para sempre, ou o relacionamento conturbado com o marido-os elementos surrealistas de suas pinturas começam a nos significar muito mais.

O projeto explora, através de um filme documentário, essa relação entre o artista e seus dramas pessoais, buscando entender o que pode se tirar dessas experiências. O filme discute como situações trágicas inspiram a arte, e como ajudam o artista a superar ou passar por um período difícil da vida, a partir do conceito de resiliência, que é a capacidade que uma pessoa tem de superar obstáculos.

O filme aborda experiências de quatro artistas de diferentes campos artísticos residentes em Brasília (Vicktor Alves, Rachel Denti, Tereza Padilha e Alessandra Roscoe) e buscou entender melhor as diversas maneiras em que a arte pode transformar a vida do próprio artista. O documentário é majoritariamente em formato de depoimentos, que foram conduzidos e editados de modo a relatar cada experiência individual, e ao mesmo tempo conecta-las umas às outras, de maneira a formar um diálogo ressaltando tanto os pontos em comum como as diferenças existentes entre elas, e assim, expor a característica curadora universal da arte, e mostrando as diferentes formas em que isso pode acontecer.

2 JUSTIFICATIVA

Por mais que a arte seja um tema frequentemente abordado em trabalhos acadêmicos, filmes e na literatura, sua subjetividade é tanta, que, a discussão acerca dela nunca se esgotará, até porque está em constante produção e interpretação.

O tema do projeto veio a partir de um interesse de se explorar e compreender melhor a experiência do artista, o que ele sente, e qual o seu processo ao criar. Seguindo esse pensamento, veio a ideia de se focar no conceito de resiliência e como a arte atua para ajudar na superação de adversidades e dificuldades pessoais.

Após a comprovação da existência de diversos exemplos no mundo artístico de indivíduos que se utilizaram da arte para, de certa forma, se expressar acerca de dores e tragédias pessoais, surgiu um interesse mais profundo de se pesquisar como tais experiências se manifestam nas próprias obras e como elas ajudam o artista: como um influencia o outro.

O documentário pode aproximar o público (aquele que “consome” a arte) do artista, e trará um maior entendimento sobre pessoas muitas vezes mal compreendidas pela sociedade. Poderá mostrar um significado maior, que muitos podem não ver à primeira vista.

E, ao comprovar com os exemplos concretos mostrados no filme que a arte pode, até certo ponto, curar, ou ao menos ter um efeito positivo na vida de pessoas expostas a ela, podemos até utilizar o documentário para embasar a prática da terapia voltada para a arte.

Segundo a Dra. Leandro-França, é essencial ter modelos positivos na sociedade para que outras pessoas se inspirem neles e desenvolvam a resiliência.

Acreditar nessas potencialidades que elas têm e nas figuras que existem na vida delas, nos modelos que elas têm. Uma criança, por exemplo, muitas vezes vítima dessas vulnerabilidades sociais e econômicas pode ter um modelo na vida dela, ou representar um bom modelo, dar a oportunidade de que ela cresça. Isso vai formando essa personalidade resiliente. (LEANDRO-FRANÇA, 2016)

Portanto, é importante dar visibilidade a esses exemplos que existem na sociedade, mostrar para a pessoa que está sofrendo que ela pode superar aquela

fase, até porque outras pessoas já conseguiram, e mostrar que um dos caminhos através da qual isso pode acontecer é pela arte.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Produção de um documentário de curta-metragem expositivo estruturado por meio de depoimentos de artistas de Brasília, com duração de cerca de 20 minutos, abordando o tema arte e resiliência.

3.2 Objetivos Específicos

O objetivo desse projeto é propor uma discussão acerca da experiência do artista na criação da obra e na importância que a arte exerce no processo de cura e superação. Abordar diversas questões em relação ao processo do criar artístico paralelamente aos estágios da vida dos artistas. Além disso, mostrar como cada experiência e vivência é única, captar o caráter subjetivo da arte; e ao final comprovar a ação catártica que ela pode exercer.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Resiliência

O conceito “resiliência” tem sua origem nas ciências exatas sendo usado nas áreas da Física e da Engenharia para caracterizar a propriedade física dos materiais: que depois de serem submetidos à algum estresse, voltam para sua forma original. Nas ciências humanas o conceito refere-se à capacidade do ser humano de responder de forma positiva às situações difíceis e adversas que enfrenta ao longo da vida.

Segundo os autores Zimmerman e Arunkumar (1994), resiliência refere-se a uma “habilidade de superar adversidades, o que não significa que o indivíduo saia da crise ileso, como implica o termo invulnerabilidade”. Até certo ponto, é um fenômeno comum e ocorrente no desenvolvimento de qualquer pessoa. E pode se desenvolver de diferentes formas por indivíduos em diversos contextos.

4.2 Arte e resiliência

Uma forma de resiliência é a expressão artística. Por ter muitas vezes um efeito catártico para o artista (e potencialmente para o observador), a arte é uma maneira vastamente reconhecida como amparo em situações de trauma. É difícil encontrar algum artista que não seja influenciado por sua própria vivência e sentimento. E quando esse sentimento é dor, perda e tragédia, pode se tirar dele uma obra não apenas comovente, como libertadora- seja ela uma pintura, dança, composição, poema, etc.

Segundo a pesquisadora brasileira (FAIGLE, 2009), “Uma pessoa que passa por um evento traumático, como ir a uma guerra ou sofrer tortura, agrega o trauma à sua vida e tem que conviver com a eternidade da repetição do momento traumático”. Ao criar, o artista pode transformar a sua realidade: ele pode encurtar ou estender o tempo, se locomover para ambientes diferentes, pode manipular sentimentos. Ele está livre para vivenciar e alterar sua experiência da maneira que lhe convir.

Robin George Collingwood, filósofo, historiador e arqueólogo do século XX acreditava que a arte era veículo de emoções entre autor e apreciador.

...conforme a obra de arte vai sendo produzida, vão se reconhecendo a natureza das emoções, e estas vão sendo redefinidas e remodeladas com relação aos objetos. A partir daí é que os apreciadores de arte poderão enxergar na obra os sentimentos expressos pelo autor... A arte seria, portanto, capaz de trazer o autoconhecimento e a capacidade de interpretação do mundo que nos rodeia. Essa seria a função da arte. (Portal Educação, 2013.)

Portanto, além da própria experiência de criar uma peça artística ser catártica, a obra de arte exerce funções que conectam o artista com o resto do mundo. A arte é uma forma de testemunho, é um jeito que o artista tem de se libertar de sua solidão. E contar para outras pessoas o que houve, o que ele sentiu e quais foram os seus efeitos. É um jeito de lidar e conviver com sua situação.

A arte é uma forma de expurgar a memória ruim e livrar a testemunha de eventos traumáticos da eterna repetição do trauma vivido. Além disso, a duração da obra de arte faz dela uma forma de lembrar as atrocidades cometidas e evitar que esses atos sejam esquecidos. (FAIGLE, 2009)

4.3 Documentário

A maneira predominante de se fazer documentários entre a década de 1960 e 1970 era caracterizada por uma “visão de fora” do objeto retratado. O trabalho de Eduardo Coutinho veio como uma espécie de ruptura desse modelo e estética. Ele explorava seu objeto de perto, sem a distância com que eram feitos os estudos antropológicos de antigamente. Coutinho conversava diretamente com seus personagens, sem barreiras.

Seus documentários são compostos por uma sucessão de entrevistas após as quais caem os letreiros. Nada mais... seus filmes não falam de fora, mas de dentro da relação do cineasta com os personagens que retrata. É desfeita a distância entre sujeito e objeto do conhecimento. (FROCHTENGARTEN, 2009)

Seus filmes procuravam retratar não a visão daquele de fora, que vinha fazer o filme, mas sim o olhar do próprio objeto. Eduardo Coutinho, segundo ele mesmo, não fazia entrevistas, mas tinha conversas com seus personagens, e procurava retratar o universo como experienciados por eles mesmos, o que agregava uma subjetividade aos seus filmes que o tornavam intrigantes e envolventes.

...a memória é, para mim, a coisa mais mentirosa do mundo. O que não quer dizer que não seja verdadeira. Você me conta sua infância de um jeito como

você a conhece hoje. Se eu for te procurar daqui a um ano você vai me dizer de outro jeito. (COUTINHO, 2007)

A Primeira Chuva Depois da Seca é uma tentativa de se fazer exatamente isso: expor a vivência, emoções e obras de seus personagens de um ponto de vista pessoal e subjetivo deles mesmos. A obra de Coutinho inspirou também o formato do documentário: uma série de entrevistas de pessoas conectadas (mesmo sem se conhecerem) por um mesmo universo.

Outra referência de peso foi o documentário *Elena*, de Petra Costa. Ele nos mostra a visão que Petra tem de sua irmã Elena, que se suicidou quando Petra tinha apenas sete anos. O filme mostra Elena, uma jovem atriz tentando encontrar o sucesso ao mesmo tempo em que tenta lidar com distúrbios psicológicos e problemas emocionais. Segundo Quêlany Vicente, “não é o desaparecimento de uma irmã que é narrado, mas a busca pessoal por um ente querido que partiu”. O filme é todo narrado pelo olhar de Petra, que está paralelamente resgatando a memória de sua irmã e lidando com sua própria perda. É uma referência relevante muito pelo tema- vemos na prática, uma artista lidando com sua perda.

O filme reintegra os pedaços, na medida em que isso é possível, ou seja, imperfeitamente. Não existe uma ingenuidade de achar que a arte recupera a plenitude anterior ao drama. É o contrário, creio. Através do filme, o que se tenta é encontrar um modo de conciliar-se com a irrevogabilidade da morte, aprendendo a viver com o que fará falta para sempre. Se não existe desfecho limpo, de laço de fita, tampouco há prostração, pois é preciso seguir vivendo, e se possível, vez por outra, dançar um pouco, como na cena final. (MOREIRA SALLES, 2013)

4.4 Artistas

No processo de pesquisa para o documentário, foram colhidos exemplos de artistas que poderiam dar fundamento à ideia principal do filme: a resiliência manifestada através e com ajuda da arte. Entre os exemplos se destacaram três.

4.4.1 Flávio de Carvalho

A Série Trágica- Minha Mãe Morrendo

“Toda pintura, escultura e arquitetura são manifestações de magia; são a construção plástica ou em cores de um mundo, que representa um desejo intenso profundo, desejo este que precisa ser realizado. E sobre a obra de arte, a magia é exercida por meio de ritos, como nos templos e igrejas, olhares, contemplação beática, etc.... e todos esses visam tornar a imagem simpática ao indivíduo, isto é, visam o controle da imagem e da obra de arte pelo indivíduo”.

Flávio de Carvalho

Em 1947, o artista e arquiteto brasileiro Flávio de Carvalho foi chamado para atender à sua mãe, Ophelia Crissiúma de Carvalho, que vivia seus últimos momentos de vida agonizando na cama, devido à um câncer. Diante dessa cena, Flávio começou a desenhar, registrando o sofrimento de sua mãe. Como resultado, ele tinha ao final da tarde nove retratos feitos de carvão sobre papel.

No ano seguinte, o artista decidiu expor essa série no recém-inaugurado MASP, e assim espantou a sociedade da época pela crueza de seus desenhos. Amigos, parentes e o público em geral se chocaram com as imagens de sofrimento e dor retratadas, segundo alguns, de maneira tão insensível.

Muitos se perguntaram o que teria levado o artista a reagir diante da morte da mãe criando tais imagens. E Flávio respondeu: “Eu não desejava esquecer seu grande sofrimento”.

Na *Série Trágica*, Flávio retrata o processo da morte, mas não retrata a morte em si:

Flávio parece querer expandir aquele momento final, como se, ao negar a representação da morte, fosse capaz de deter o tempo e impedir o desfecho fatal. Há algo de proto-ritualístico em sua ação. Num rito, explica Aldo Natale

Terrin, «não se pode suspender o tempo, mas se pode “retardá-lo”. (TERRIN, 2004, p. 260)

E por que depois, expor a obra para o público? Para o próprio Flávio de Carvalho, tais exposições de vida e morte são funções teatrais que exigem um público. Os espectadores da obra fornecem um sentimento complementar de companhia que o homem (artista) precisa para não permanecer isolado na solidão e no esquecimento.



A série trágica- minha mãe morrendo, Flávio de Carvalho

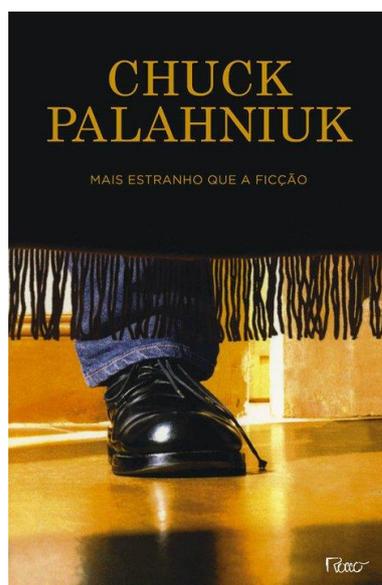
4.4.2 Chuck Palahniuk

“O propósito é achar aquela metáfora que te permite compartilhar seu luto de uma maneira berrante, exaustiva”.

Chuck Palahniuk

A literatura de Chuck Palahniuk pode ser descrita como pós-moderna, ela fala sobre o absurdo e a falta de sentido na vida, usando muitas vezes um tipo de humor negro perturbador. É descrita muitas vezes como transgressiva e agressiva.

Isso faz sentido quando paramos para analisar sua vida, que é repleta de acontecimentos trágicos. Seu avô paterno assassinou sua esposa antes de se matar, quando o pai de Chuck era apenas criança. A capa do livro *Mais Estranho que a Ficção* é a visão de seu pai na hora do acontecimento.



Capa de *Mais estranho que a ficção*

Sua mãe faleceu de câncer, época em que Chuck direcionou sua dor para a escrita de *Condenada*. Nesse período, Palahniuk vivia em um estado de muita solidão, o que reflete em seus personagens, que são, muitas vezes pessoas deslocadas e julgadas estranhas pela sociedade. Durante tal período, uma das únicas interações que Chuck tinha com outras pessoas eram com atendentes de telemarketing que ligavam para sua casa. Assim, na sua novela *Condenada*, Chuck insere essa profissão na história. *Cantigas de Ninar*, outra obra do escritor, foi uma maneira de lidar com o a morte de seu pai, que foi assassinado.

Foi quando Chuck estava passando por uma crise: depois de não se satisfazer como jornalista, Palahniuk foi trabalhar como mecânico de caminhões que acabou escrevendo sua obra mais famosa até hoje, *Clube da Luta* como um conto e depois como o livro que foi adaptado no famoso filme de David Fincher.

Em entrevistas, Palahniuk diz acreditar na arte como forma de expurgar os demônios, e nas metáforas da literatura para representar sentimentos pessoais.

Eu queria escrever três livros que me permitiriam tempo suficiente de luto pela morte de ambos os meus pais... durante esse processo eu passei muito tempo com Max Brooks, que escreveu Guerra Mundial Z. E eu percebi que ele havia dedicado o livro à sua mãe, Anne Bancroft. E eu o perguntei 'Guerra Mundial Z, esse apocalipse zumbi, é sobre a sua mãe?' E ele disse 'é sim: porque câncer é o zumbi; nós levamos minha mãe para vários especialistas que nos falavam para não nos preocuparmos... e no final, todos falharam' e o câncer matou Anne Bancroft. E todo menino de 13 anos que ama Guerra Mundial Z não percebe que é o coração partido de Max Brooks escrevendo sobre aquele terrível ano final da vida de sua mãe. O propósito é achar aquela metáfora que te permite compartilhar seu luto de uma maneira berrante, exaustiva. (PALAHNIUK, 2013)

4.4.3 Frida Kahlo

"A pintura tem ocupado minha vida. Perdi três filhos e uma série de coisas que poderiam ter preenchido a minha vida horrível. A pintura substituiu tudo. Eu acho que não há nada melhor do que trabalhar." Frida Kahlo

Conhecida por suas pinturas de traços surrealistas, Frida Kahlo teve sua arte altamente influenciada por acontecimentos dramáticos. Aos dezoito anos planejava estudar medicina, mas um acidente grave de ônibus a deixou de cama durante meses. Foi nesse período que Frida começou a pintar para passar o tempo. Ela foi incentivada por seu pai Wilhelm, fotógrafo, que a presenteou com algumas tintas e pincéis.

Por causa desse acidente, Frida necessitou fazer em torno de 30 cirurgias ao longo da vida, sentia muita dor, teve movimentos comprometidos, e não pôde realizar o desejo de ser mãe. Ela ilustrou em várias obras seus sentimentos em relação ao acidente e suas consequências.



La columna rota, 1944

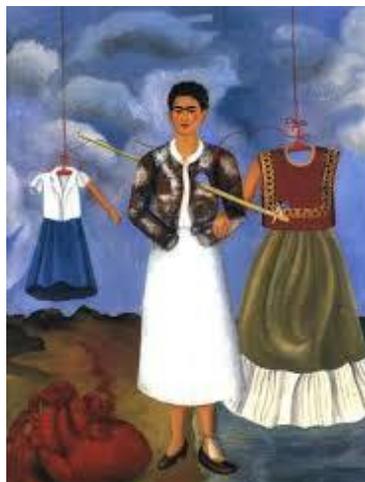


As duas Fridas, 1939

Frida veio a se casar com Diego Rivera, artista mexicano proeminente, a quem ela admirava muito. O relacionamento entre os dois foi notoriamente conturbado, Riviera traía Kahlo repetidamente. O casamento culminou em divórcio após Diego trair Frida com Cristina, sua irmã. Ao analisarmos o autorretrato de Kahlo *As Duas Fridas*, feito pouco tempo após o divórcio, vemos a representação de dois estados emocionais. Riviera gostava que sua mulher usasse vestidos típicos da região Tehuana do

México. Uma das Fridas retratadas na pintura usa essa veste para representar a mulher amada por Diego, e a outra, usando vestes mais comuns é a Frida que se sente traída pelo adultério e divórcio.

Outros retratos resultaram desses acontecimentos, como por exemplo *Recuerdo*. Nessa obra vemos a angústia de Frida no seu coração sangrando no chão, vemos a falta de braços no seu estado presente como uma impotência em agir. Seu rosto está marinado em lágrimas e seu cabelo cortado- outra característica que Diego admirava em Frida era seu cabelo longo. E talvez o mais notável de tudo: seu peito perfurado, conveniando a sensação de uma enorme dor emocional.

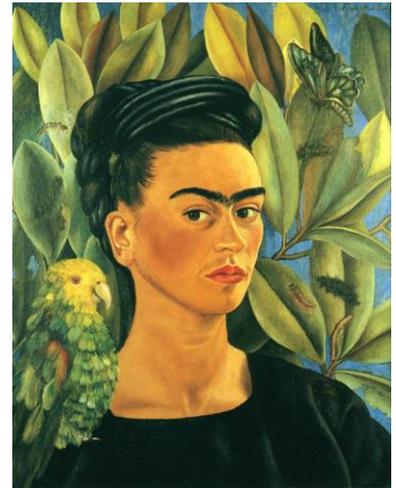


Recuerdo, 1937

Frida capturou ao longo de seus retratos, vários acontecimentos de sua vida. Um deles mostra Frida sendo amamentada por sua ama de leite, simbolizando o começo de uma relação de distância e frieza com sua mãe. Em outro, Kahlo aparece vestida de preto, de luto pelo falecimento de seu pai, em seu ombro, seu papagaio Bonito, que também havia morrido pouco tempo antes.



A minha ama e eu, 1937

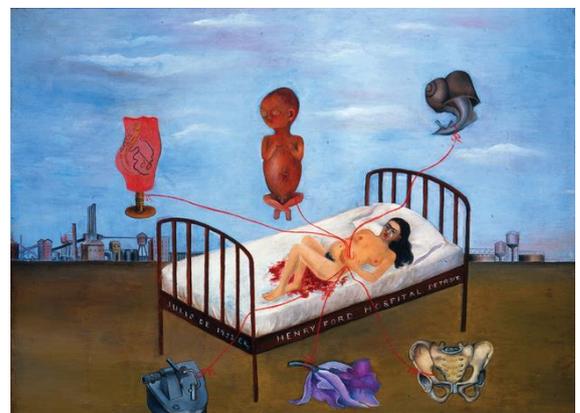


Autorretrato com Bonito, 1941

Um elemento comum nas obras de Frida Kahlo é sua representação de sexualidade e fertilidade, essa última vindo de sua frustração por não poder ter filhos devido ao acidente que sofreu em sua juventude. Em suas obras, esse aspecto é algumas vezes simbolizado por fetos ainda não nascidos.



Moisés, Frida Kahlo



La cama volando, 1932

Talvez uma obra que resuma de forma simbólica todos esses desdobramentos na vida de Frida Kahlo seja *Lo que el agua me dio*. Nesse quadro ela pintou imagens de vida e morte, perda e ganho. As obras de Frida são muitas vezes descritas como surrealistas, rótulo que ela negava, afirmando: “Eles acharam que eu era Surrealista, mas não era. Eu nunca pintei sonhos... pintava minha própria realidade.” Sobre *Lo que el agua me dio* ela disse: “É uma imagem do passar do tempo... sobre tempo e jogos da infância na banheira e a tristeza do que havia acontecido com ela ao longo de sua vida”.



Lo que el agua me dio, 1938

5 PERSONAGENS

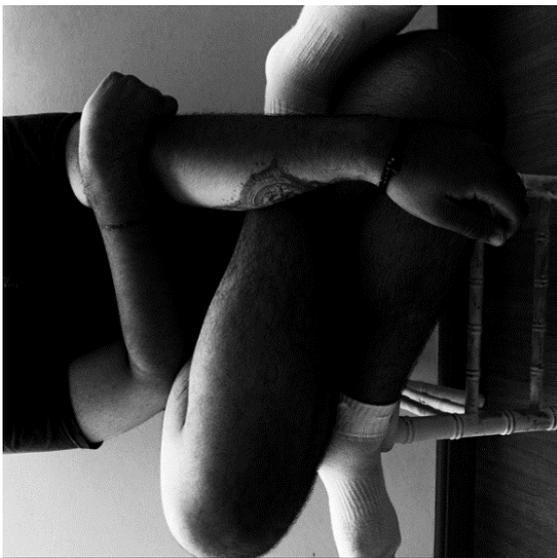
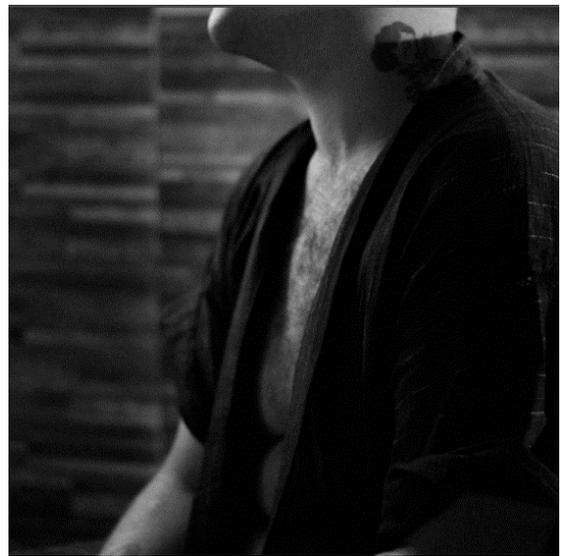
5.1 Vicktor Alves



“Eu aprendi desde cedo a ter uma conversa comigo sobre tudo aquilo que me assustava”

Vicktor Alves é um jovem fotógrafo de Brasília que passou a ter problemas com ansiedade e autoestima ainda na adolescência. Quando tinha treze anos, a separação de pais coincidiu com a época em que revelou ser homossexual, fato que o levou a sentir culpado. Graças à não aceitação da família e dos amigos, acabou se isolando de todos a sua volta. Também passou a engordar e ter problemas em aceitar seu próprio corpo.

Como uma forma de terapia, Vicktor, que desde criança se interessava pela fotografia, passou a fazer autorretratos para encarar justamente o que não conseguia aceitar em seu corpo: estrias, celulites e outros “defeitos” que vieram junto com o peso ganho. Assim conseguia, a cada sessão de fotos, ver que aquilo que não gostava em seu corpo não era nada demais, e aprendeu a se aceitar e se amar. Hoje, ainda lida com ansiedade, mas a fotografia continua o ajudando a superar isso. No futuro, tem planos de realizar um projeto que faça da fotografia uma forma de terapia para outras pessoas também.



Autorretratos de Victor Alves

5.2 Rachel Denti

“Se expor e falar sobre ansiedade é um ato político... você se mostrar vulnerável, para mim é um ato político. Eu sou mulher e eu sou vulnerável e eu fico na merda. E é importante as pessoas saberem que eu tenho meus momentos bons e eu tenho meus momentos ruins também, eu acho importante as outras pessoas saberem que as outras pessoas são assim”.



Rachel Denti é uma ilustradora formada em design pela UnB. Por meio de seu trabalho, ela lida com temas como ansiedade, insegurança e feminismo, todos inspirados na sua própria vivência. Sempre desenhou, mas começou a desenvolver seu estilo na ilustração quando passou um ano na Royal Academy of Art, na Holanda.

"Eu sou uma pessoa meio pessimista e, além disso, sofro de ansiedade, então minha cabeça é um bombardeio de pensamentos negativos constantes. Quando eu uso minhas artes como uma oportunidade de colocar isso tudo pra fora, é como se eles entrassem em ordem e eu conseguisse refletir claramente. É meu trabalho e minha terapia também. Por isso não posso parar de produzir." (Em entrevista para o site Ideia Fixa).

Sobre alguns de seus trabalhos:

“Uma das ilustrações pra série 'Everyday Thoughts On Everyday Things', do ano passado. Sempre foi uma das que eu menos gostava da série, até que depois de publicada online algumas vezes eu percebi que as pessoas tinham uma interpretação diferente e muito mais interessante que a minha. Pra mim, todas as palavras são uma frase só, sobre o costume de se auto sabotar em qualquer oportunidade. Mas pra algumas pessoas, cada embalagem é uma frase diferente, como se elas vissem a opção de continuar com o comportamento auto-destrutivo, ou começar um novo dia sem isso. Passei a gostar muito mais dessa ilustração depois disso e é por isso que



Everyday thoughts on everyday things

resolvi revisitá-la hoje – tem muito a ver com meu momento de agora.” (em entrevista para o documentário)





Everyday Thoughts on Everyday Things, 2015

“Series of illustrations for a zine inspired on thoughts that come to my mind, most of the times out of nowhere or for no particular reason, on a daily basis.”

Série de ilustrações para um zine inspirado em pensamentos que vêm a minha mente, no dia a dia, na maioria das vezes de lugar nenhum, e por razão nenhuma. (Tumblr da Rachel)

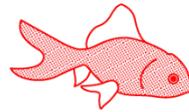
“Eu fiz um trabalho recentemente quando rolou aquela questão da moça que foi estuprada por 30 pessoas no Rio... eu tava indignada com isso e eu pensei ‘eu tenho que colocar o meu trabalho... eu tenho que assumir uma posição política com o meu trabalho’. Eu não posso ser artista, ter uma página com sei lá quantos likes e não ter uma posição sobre isso, seria muito hipócrita da minha parte. E aí eu fiz um trabalho,

uma ilustração bem simples na verdade. Uma banana sendo cortada escrito ‘homem morto não estupra’. E foi um dos trabalhos, aqui no Brasil, que eu tive mais feedback-positivo e negativo- mas eu me senti muito bem, realmente colocando a minha posição a respeito disso. Eu vi que muitas pessoas que me curtiam não aprovaram o trabalho,

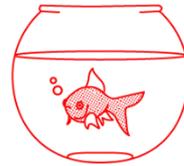


eu perdi vários likes mas eu ganhei muitos likes também. E várias meninas do Brasil inteiro pediram o PDF. Uma moça começou a fazer estampa de camiseta com essa imagem. Essa imagem ficou muito popular na internet, no Tumblr, mesmo sem a minha assinatura, então eu acho que é uma coisa a ser discutida, realmente”. (em entrevista para o documentário)

GIRL,
IT'S A
WILD
WORLD



IS MY HAIR OK?
DOES MY STOMACH LOOK FAT
WHEN I SIT LIKE THIS?
HOW TENDER
DOES MY VOICE SOUND
AS I GREET THIS COMPLETELY
IRRELEVANT GROUP OF
PEOPLE?



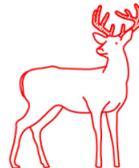
BETTER BE SURE TO LOOK
AS EXPECTED
AND ACT ACCORDING TO SCRIPT
SLIPPING ONCE
IS JUST ABOUT ENOUGH
THE WATCHMEN GOT THEIR
EYES ON YOU SOMEHOW,
I'M SURE



FIRST IN LINE, THE DAD
HE WANTS NOTHING BUT
THE BEST FOR ME

FEMININE, DELICATE, SOFT,
VIRGIN, LOVING,
UNTOUCHED

MAYBE I HAVE FAILED
AS A DAUGHTER

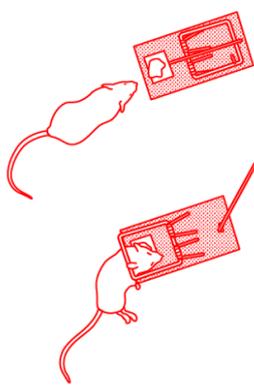


IT FEELS LIKE I'M JUGGLING
BROKEN BOTTLES 24/7
AND I CANNOT HELP FROM
CUTTING MYSELF
FROM TIME TO TIME

ONE OF THEM READS 'SEXY'
ON ITS LABEL
BUT THAT SERVES
ONE OTHER PERSON ONLY
OTHERWISE THERE'S JUST
NO USE
(NOT A VERY PRAISABLE ONE,
AT LEAST)



REMEMBER, YOU GOTTA
LOOK GOOD AT ALL TIMES
AND PLEASE YOUR MAN RIGHT
BEFORE SOMEONE ELSE DOES



WHEN I'M CHOOSING
WHAT TO WEAR
I WONDER WHAT WOULD THAT
CREEP LATE NIGHT ON THE
STREETS THINK OF ME

I HOPE HE THINKS THAT
MY SKIRT IS LONG ENOUGH
THAT MY BEHAVIOUR
IS WORTHY ENOUGH
FOR ME TO BE SPARED
THIS TIME



Zine Girl, it's a wild world

“O texto é sobre mulheres e as ilustrações são animais. São animais passando por situações correlacionadas a o que eu passo. Então tudo tem a ver comigo, de uma forma ou de outra.” (em entrevista para o documentário)



“É um autorretrato, como dá pra ver. E eu achei legal porque, assim, eu quis colocar um abacaxi na minha cabeça porque eu sempre me sinto meio deslocada, fora do lugar. E é curioso porque lá- na Holanda- eles não tinham essa percepção do abacaxi, então ninguém entendia direito. É uma coisa da nossa língua que eu não achei que seria um problema.” (em entrevista para o documentário)



Undressed Goddess

“É sobre os dois lados de ser mulher, sobre essa personalidade que a gente tem que assumir: a gente tem que ser bonita, a gente é só um enfeite, a gente tem que tá sempre perfeita... mas nós somos humanas também e passamos por momentos que não são considerados bonitos pela mídia que é machista e patriarcal. E aí eu usei um texto que é da Margareth Atwood que é sobre a Helena de Tróia, um texto humanizando a Helena de Tróia. Ela era uma mulher super forte e feminista, seduzia os homens etc. E mostra o lado dela da história, que é bem legal, como se ela fosse uma dançarina erótica. E as ilustrações são sobre isso... a gente passando esmalte no pé, e o pé é uma parte do corpo super exposta a se machucar e ficar horrorosa o tempo inteiro. E aí uma menina dançando, e por dentro ela tem um esqueleto, ela é uma pessoa como qualquer outra.” (em entrevista para o documentário)

5.3 Alessandra Roscoe

“Quando a vida dói demais... eu pulo num livro”



Alessandra Roscoe é uma escritora de literatura infantil graduada em jornalismo. Era chefe do jornalismo local da TV Record quando começou a não apenas ler para Beatriz, sua filha mais velha (na época com três anos), mas criar com ela suas próprias histórias. A primeira história feita pelas duas acabou sendo seu primeiro livro publicado: A menina que pescava estrelas. Depois de publicar alguns livros, resolveu largar o jornalismo e se dedicar exclusivamente à literatura. Hoje em dia, Alessandra tem mais de trinta livros publicados, além de composições de músicas infantis.



Capa do livro A menina que pescava estrelas

“Até hoje, a Bia é teimosa. Ela sempre foi muito intempestiva. Eu tenho três filhos e minha relação mais complicada sempre foi com ela. Eu digo que ela foi responsável pelo melhor e pelo pior em mim. A mãe que idealizei, não consegui ser. Porque ela me desafia, porque você tem que dar responsabilidade e as mínimas coisas com ela viram uma discussão. E porque ela me fez descobrir a mim mesma. Tudo que comecei na literatura, comecei por causa da Bia”. (em entrevista para o Projeto Lupa)

Alessandra tira inspiração para suas histórias a partir de experiências cotidianas com seus três filhos: Beatriz, Felipe e Luiza. Dezenas de livros foram feitos a partir de quinze anos de histórias e brincadeiras com os filhos. *Fada Emburrada* veio numa manhã em que Bia acordou de mau-humor; *Receitas para o bem crescer*, do discurso de formatura de Luiza; *Mitos Urbanos* conta uma lenda urbana de terror em Brasília e foi pensado com o intuito de assustar a Bia

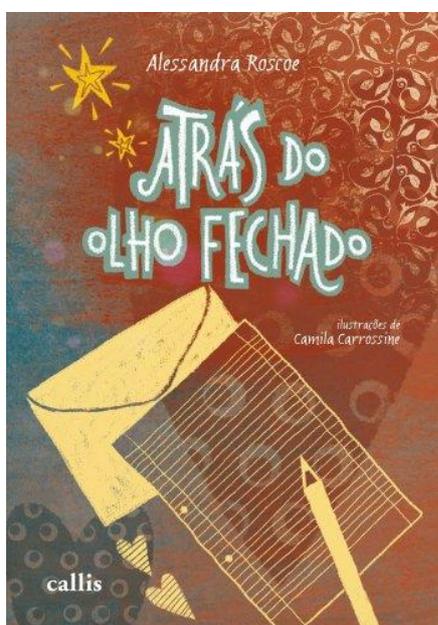
“Tenho colegas que me falam: ‘Por que toda vez que você vai falar de literatura, fala dos seus filhos? Fica uma coisa muito *mamãezinha*’. Porque a minha literatura é inteiramente por causa deles” (em entrevista ao Projeto Lupa)

Alessandra também é criadora do Festival Itinerante de Leitura UniDuniLer todas as letras, em que desempenha rodas de história e cantigas, leituras para bebês, leituras afetivas com idosos e leituras sensoriais e partilhadas para pessoas com deficiência.

Atrás do Olho Fechado é sua obra mais autobiográfica. Nela, trata da morte sob a perspectiva de sua protagonista Nina, inspirada tanto nela, quanto na sua filha Bia. Nina perde uma pessoa amada, assim como Alessandra perdeu seu pai aos oito anos. Depoimento publicado em sua página no Facebook:

“Há exatos 39 anos, no dia 8 de fevereiro de 1978, uma quarta-feira de cinzas, ele se despedia de vida. Eu tinha 8 anos. Ele 38. Um acidente na estrada o levou. Meu pai era um sujeito alegre, brincalhão, fanfarrão. Tocava gaita, tinha o riso solto, adorava viver e passou desde aquele 8 de fevereiro a viver em mim de outro jeito: pleno, comigo para sempre no pensamento, no coração, em tudo o que faço, ele está junto! E agora de mãos dadas com minha mãe! Dias desses recebi de uns queridos um filme

antigo. Um super 8 (olha o 8 de novo aí, sempre um infinito em pé!) digitalizado de uma festa de ano novo, o de 77 para 78, em Uberaba, na casa amarela dos meus avós. Entre as imagens sem falas e agora com trilha sonora, um atmo do meu pai sorrindo e me guardando num abraço... Tão diferente das fotos, o filme parece dar vida àquele instante de outro jeito. E agora, sempre que a saudade aperta é praquela abraço que eu corro. Tenho andado silenciosa e nostálgica nos últimos tempos e cheia de saudades de muitas coisas. Meu pai foi o primeiro a me ensinar, na prática, que o amor transcende a própria vida”.



Capa do livro *Atrás do Olho Fechado*

“Quando não dou conta da dureza da vida, eu escrevo. Essa porta que a literatura me dá, me resgata. Quando minha mãe morreu em 2013, eu me calei. Estava no meio de um processo de um livro e parei. Eu não pude dizer ‘eu te amo’ uma última vez. Então escrevi uma carta por dia pra ela durante mais de um ano. Foi minha forma de vivenciar o luto e de não deixar que o nosso diálogo interrompesse. Um dia contei isso para um amigo e ele falou: ‘Lê, você fez exatamente como a menina da história. Você criou sua cura na ficção para o que você ia fazer depois’. Ele estava se referindo ao livro *Por trás do Olho Fechado* sobre uma menina que lida com a morte de uma personagem escrevendo. Esse livro é meio autobiográfico. A menina às vezes sou eu, às vezes é a Bia. Tive a ideia dele depois que, num sonho com um primo, a Bia acordou agitada. Eu perguntei se ela estava sonhando com ele e ela respondeu: ‘Não mãe, eu estava brincando com ele atrás do olho fechado’. Ao escrevê-lo, eu quis lidar com a morte na ficção para aprender a fazer isso na vida. E após a morte da minha mãe fiz igualzinho, mesmo sem perceber, à minha personagem.” (em entrevista ao Projeto Lupa)

5.4 Tereza Padilha

“não é só vindo com a arte que ela vai te transformar, você tem que se permitir, você tem que aceitar, você tem que abraçar. Você tem que saber como abraçar as pequenas manifestações, que no fundo elas são tão significativas, elas são tão importantes”



Tereza Padilha é atriz, diretora e forte defensora da arte e cultura. Estudou artes cênicas com Dulcina de Moraes, e em 1991, fundou o Espaço Cultural Mapati, onde, desde então, desenvolve inúmeras trabalhos de teatro, dança, canto, circo, culinária, ginástica e expressão corporal.

Foi depois de perder seu filho Tiago, aos dois anos, vítima de meningite, que Tereza tomou a decisão de abrir a Cia. Teatral Mapati, para suprir sua vontade de trabalhar com crianças. Em entrevista ao Correio Braziliense, ela afirmou: “Fiquei muito impulsionada a fazer algo que juntasse as crianças para diminuir a minha saudade. Mas a minha saudade continua até hoje, claro.” Em entrevista para a TV Supren Tereza fez a seguinte reflexão: “Eu sempre sinto a presença dele

espiritualmente falando... e o Tiago sempre se transforma na questão da arte, do teatro, da dança, da música. E não tem coisa melhor do que isso no mundo”.

Apesar de ser mais conhecido por seu trabalho com o teatro infantil, o Mapati oferece atividades para pessoas de todas as idades, e Tereza defende que o projeto, que começou com o teatro, hoje em dia vai muito além disso- ela vê o Mapati como um espaço cultural, como ela explicou em entrevista para esse projeto: “O espaço não é mais o teatro Mapati, é um espaço cultural. Temos circo também. Cresceu de uma forma que às vezes eu fico até assustada... quero sempre estar ligada à questão da humanidade, às vezes a criança aqui tem algum problema, quero estar próxima deste problema, para saber como poderia de alguma forma resolver. O Mapati é isto, um espaço de arte e cultura, mas muito ligado à questão humana”.

No espaço do Mapati, são desenvolvidas diversas atividades que põe em prática a ideia da cura através da arte. Sobre o Rio Aberto, um desses projetos, Tereza afirma em entrevista para o portal de jornalismo do IESB: “É um projeto para adultos e é fantástico, ajuda pessoas a lidar com perdas, adaptação, pessoas que precisam de ajuda emocional. Tem um trabalho com a (atriz e diretora) Suzana Lenzi, que é também para adultos e é um espetáculo criado a partir das histórias das pessoas... O Mapati é meio esotérico, trabalha as emoções, as vontades, e tenta equilibrar as pessoas perante o mundo. Apesar de que, a gente não equilibra, a gente conversa, tenta colocar a pessoa mais no centro, mostramos os caminhos. Quando você se conhece, você se equilibra. ”

6 METODOLOGIA

6.1 Pré-Produção

O primeiro passo foi estudar a fundo o conceito de resiliência na psicologia e na arte. Ainda durante a pesquisa bibliográfica, estudei os trabalhos de artistas de diferentes campos para entender melhor como esse processo acontece na prática, para então formular perguntas relevantes para as entrevistas da próxima etapa. Simultaneamente, assisti à filmes que poderiam vir a servir de inspiração tanto para o tema quanto para o formato.

Depois disso, pesquisei artistas na região de Brasília que se encaixavam na proposta do documentário. A pesquisa foi feita pela internet e entrando em contato com galerias, teatros e centros culturais da cidade. Depois de selecionados alguns artistas, entrei em contato com eles para explicar o projeto e discutir a possibilidade da participação no filme. Também procurei uma psicóloga que se especializava no assunto para uma entrevista que veio a servir de orientação para a entrevista com os personagens do documentário. Durante a pré-produção também recrutei uma equipe de filmagem- fotógrafos e sonoplastas.

6.2 Produção

Após a formação da equipe e “elenco”, fui marcando aos poucos as entrevistas com os artistas. A primeira entrevista foi feita com o Vicktor Alves em frente ao Museu Nacional da República. Depois, entrevistei a psicóloga Dra. Cristineide Leandro-França para entender melhor o que é resiliência e saber como prosseguir com o restante das entrevistas. Em seguida, gravei entrevistas com Rachel Denti e Alessandra Roscoe, e, depois, imagens do “pipaço poético” (projeto que a Alessandra realiza em que crianças leem versos de pipas e depois a soltam). Por último, filmei a entrevista com Tereza Padilha no Mapati. Esse processo aconteceu de setembro a novembro de 2016.

Durante as entrevistas, a ideia era captar o personagem de dois ângulos diferentes. Para isso, uma câmera ficava estática sobre o tripé captando um plano aberto do artista e seu ambiente; e outra câmera ficava na mão, se movimentando,

focando e desfocando. Para cada artista, gravamos também uma série de imagens de ambientação.

6.3 Pós-Produção

Antes de montar o filme, assisti a todo o conteúdo e depois transcrevi as entrevistas para localizar as partes relevantes para o filme. Editei cada personagem separadamente e depois juntei todos eles, intercalando-os, para que se criasse um diálogo entre eles. Durante todo esse processo, me reuni diversas vezes com a Professora Denise Moraes para discutir como melhorar o filme e receber orientações. Durante a montagem identifiquei a falta de cenas de ambientação. Assim, voltei no Teatro Mapati para gravá-las e também fiz algumas imagens do livro *Atrás do Olho Fechado*, para servir de ambientação para a parte da escritora Alessandra Roscoe.

Depois de aproximadamente cinco cortes, cheguei ao corte final e passei o filme para os tratamentos de som e cor. O tratamento de cor consertou pequenos erros de gravação nas imagens, e a edição de som criou uma ambientação sonora para cada personagem e inseriu a trilha sonora, além de diminuir o ruído de fundo. Depois disso, foram inseridos os créditos finais.

6.4 Cronograma

| | |
|-----------------------|--|
| Julho e agosto 2016 | Pesquisa de personagens e referencial teórico |
| 30 de agosto | Primeira reunião com o Vicktor, na qual discutimos o projeto e realizamos uma entrevista pré-fílmica |
| 10 de setembro | Gravação da entrevista com o Vicktor em frente ao museu nacional |
| 12 de setembro | Primeira reunião com a Rachel, na qual discutimos o projeto e realizamos uma entrevista pré-fílmica |
| 17 de setembro | Gravação de cenas de ambientação no museu nacional |
| 21 de setembro | Entrevista com a psicóloga Cristineide |
| 23 de setembro | Gravação com a Rachel Denti |
| 4 de outubro | Gravação com Alessandra Roscoe |
| 14 de outubro | Gravação do Pipaço Poético, com Alessandra Roscoe |
| 26 de novembro | Gravação com Tereza Padilha |
| 10 de janeiro de 2017 | Começo da edição |
| 24 de março | Captação de imagens de ambientação externas do Mapati |
| 1 de junho | Fim da edição e começo do tratamento de cor e som |
| 16 de junho | Finalização |

7 CONCLUSÃO

Ao definir meu tema de pesquisa, eu não imaginava as histórias que encontraria pela frente. Pessoas com realidades distintas, fazendo uso de diferentes formas de expressão, cada uma manifestando para o mundo a sua vivência e aquilo que é importante para si. Mas todas unidas por uma mesma ideia: a de que a arte é uma potência revigorante para a alma. E era nisso que acreditava quando embarquei na produção desse filme. E hoje posso comprovar, mais do que nunca, a verdade dessa afirmação.

Também não imaginava as dificuldades que encontraria, e nem o esforço e nível de entrega que seria necessário para conseguir chegar no resultado que cheguei. Não tendo muita prática com direção, produção e nem edição, foi uma experiência de aprendizado intensa que vou levar para o resto da vida. E como meu primeiro documentário de curta-metragem, tenho muito orgulho de apresentá-lo.

Levarei o aprendizado adquirido com os artistas protagonistas. Eles demonstram para todos nós uma coragem enorme ao expor para o mundo sentimentos tão profundos e pessoais, e assim nos mostram que não estamos sozinhos nas nossas angústias. Tiro de cada um deles inspiração para continuar lutando pelo que acredito e fazendo o que amo.

O sentimento que fica no final é gratidão. Gratidão pela equipe que me ajudou, por todo o apoio que tive da universidade, e gratidão principalmente pelos artistas que me emprestaram suas vozes para uma causa, que era para mim, tão significativa.

8 REFERÊNCIAS

8.1 Referências Bibliográficas

“Frida Kahlo” Em: The Art Story. Disponível em: <<http://www.theartstory.org/artist-kahlo-frida.htm>> Acesso em: 20 de junho de 2016

FEINBERG, Scott. “Tim Burton on His Life and Movies Coming Full Circle with 'Frankenweenie'” Em: Hollywood Reporter. Disponível em: <<http://www.hollywoodreporter.com/race/tim-burton-his-life-movies-422036>> Acesso em: 20 de junho de 2016

PRINGLE, Gill. “Tim Burton: how a strange childhood gave him a taste for the bizarre” Em: Belfast Telegraph. Disponível em: <<http://www.belfasttelegraph.co.uk/entertainment/film-tv/news/tim-burton-how-a-strange-childhood-gave-him-a-taste-for-the-bizarre-28870904.html>> Acesso em: 20 de junho de 2016

“About Frida Kahlo's Art (An Anatomy of Her Work)” Em: Frida Kahlo Fans. Disponível em: <<http://www.fridakahlofans.com/essay.html>> Acesso em: 20 de junho de 2016

FAIGLE, Maiara. “Arte ajuda a superar trauma” Disponível em: <<http://www.usp.br/aun/exibir?id=2763>> Acesso em: 20 de junho de 2016

MEBOLA, Ediane. “A arte de seguir em frente” Em: O Globo Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/a-arte-de-seguir-em-frente-2975698>> Acesso em: 20 de junho de 2016

COSTA, Cláudio. “Teorias da arte” Disponível em: <http://criticanarede.com/est_tarte.html> Acesso em: 20 de junho de 2016

SILVA, Rogério. “Uma experiência artística” Disponível em <<http://freudexplicablog.blogspot.com.br/2011/05/uma-experiencia-artistica.html>> Acesso em: 20 de julho de 2016

“Collingwood e a teoria da arte como expressão” Em: Portal Educação Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/36196/collingwood-e-a-teoria-da-arte-como-expressao>> Acesso em: 20 de junho de 2016

FROCHTENGARTEN, Fernando. A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 125-138, mar. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642009000100008>.

“How Brazilian Women Are Creating Their Own Space In The Art World” Disponível em: <<http://www.thefader.com/2016/08/02/brazilian-women-artists-piscina-rachel-denti-kissy>> Acesso em: 5 de junho de 2017

“Os Pensamentos Inadequados de Rachel Denti” Disponível em: <<https://www.idealfixa.com/oldbutgold/os-pensamentos-inadequados-de-rachel-denti>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Quem viu- Elena” Disponível em: < <http://www.elenafilme.com/quem-viu/>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“De onde vem a inspiração” Disponível em: < <https://projetolupa.com/feed/alessandra-roscocoe>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

”Leitura sensorial, um mundo de possibilidades, muito além do que se pode ver! Disponível em: < <https://unidunilertodasasletras.wordpress.com/>> Acesso em 5 de junho de 2017.

“New day, same self-destructive behaviour: everyday anxiety illustrated by Rachel Denti.” Disponível em: < <http://www.hungertv.com/feature/new-day-same-self-destructive-behaviour-everyday-anxiety-illustrated-by-rachel-denti/>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Um dos principais grupos de teatro da cidade, Mapati não pensa em sair de Brasília”. Disponível em: <<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/especiais/brasilia-56-anos/2016/04/21/interna-brasilia56anos,528596/um-dos-principais-grupos-de-teatro-da-cidade-mapati-nao-pensa-em-sair.shtml>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Tereza Padilha (homenageada)” Disponível em: < <http://www.t-bone.com.br/index.php/t-bone-cultural/bienal-poesia/edicoes-passadas/programacao-dia-29/tereza-padilha-homenageada/>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“O teatro é meu alimento espiritual” Disponível em: < <http://jornalismo.iesb.br/2015/11/20/o-teatro-e-meu-alimento-espiritual/>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

8.2 Referências Videográficas

“Chuck Palahniuk on George Stroumboulopoulos Tonight: INTERVIEW” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=paUx1AG-JTk>> Acesso em 20 de junho de 2016

“AntiCast 202 – Chuck Palahniuk” Disponível em: <<https://soundcloud.com/anticastdesign/anticast-202-chuck-palahniuk>> Acesso em 20 de julho de 2016

“Style LikeU: The What’s Underneath Project” Disponível em < <https://www.youtube.com/user/stylelikeu>> Acesso em: 20 de junho de 2016

“Abstract: the art of design” Disponível em: <[netflix.com](https://www.netflix.com)> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Uniduniler todas as letras III FIL Leitura e Brincadeira tudo a ver!” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fYnSb6TXGko>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“02 DF TV 1ED 26 09 15 Festival Itinerante de Leitura Leitura sensorial com bebês” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ei7cxmg8aBA>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Alessandra Pontes Roscoe Entrevista ao Programa Leituras parte 1”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xSuqtZoLXLA>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Tereza Padilha no PROGRAMA DO JÔ - TV GLOBO” Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=MrANFD788Z0>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“As cores e alegria do Mapati”. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=nIxlJ6Y43cA&t=114s>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

“Teatro Mapati leva arte a crianças carentes”. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=NlIzqKGejzpg>> Acesso em: 5 de junho de 2017.

8.3 Referências Filmográficas

ELENA. Direção: Petra Costa. Busca Vida Filmes, 2012. (90 minutos)

FRIDA. Direção: Julie Taymor. Miramax, 2002. (123 minutos)

JOGO de cena. Direção: Eduardo Coutinho. Bretz- Back Five, 2007. (105 minutos)

EDIFÍCIO master. Direção: Eduardo Coutinho. VideoFilmes, 2002. (110 minutos)

NISE- o coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. Imagem Filmes, 2015. (109 minutos)

WHAT happened miss Simone? Direção: Liz Garbus. Netflix, 2015. (101 minutos)

STORIES we tell. Direção: Sarah Polley. NFB, 2012. (118 minutos)

KURT Cobain: monatge of heck. Direção: Brett Morgen. Universal Pictures, 2015. (135 minutos)

TARJA branca. Direção: Antônio Nóbrega, José Simão. Maria Farinha Filmes, 2014. (80 minutos)

9 ANEXOS

9.1 Equipe

Direção, produção, direção de fotografia e edição: Gabriela Studart

Câmeras: Anderson Lopes, Hanna Guimarães, Isabella Almada

Captação de som: Juciele Fonseca, Gustavo Menezes e Gabriela Studart

Tratamento de cor: Isis Aisha

Edição de som: Martha Suzana

9.2 Decupagem das entrevistas

Entrevista com a Dra. Cristineide Leandro-França, Psicóloga da Universidade de Brasília, Mestra em Psicologia Clínica e Cultura – UnB e Doutora em Psicologia Clínica e Cultura – UnB

Você pode começar falando um pouco sobre sua formação, experiência, linha de pesquisa.

Eu sou psicóloga, já tenho mais ou menos 20 anos de formada. Tenho mestrado na área de psicologia clínica. Fiz mestrado aqui na Universidade de Brasília mesmo, no departamento de Psicologia Clínica e Cultura, e doutorado também aqui na UnB no departamento de Psicologia Clínica. Atualmente sou psicóloga da universidade e também professora da UnB. Sou professora substituta e meu foco de pesquisa, tanto no mestrado quanto no doutorado foi trabalhar com envelhecimento, aposentadoria, e desenvolver intervenções terapêuticas que ajudassem essas pessoas a enfrentar situações difíceis de crise ou de transições na vida delas, por exemplo a aposentadoria. Então quando você me fala sobre resiliência me veio algo muito importante no trabalho que eu fiz com essas pessoas, e da minha linha de pesquisa, em que trabalhamos muito com psicologia preventiva, que é uma linha que traz muito esse conceito de resiliência. Então nessas intervenções nós procuramos sempre trabalhar a crise, ou seja, o sofrimento relacionado a essas rupturas, que acontecem, por exemplo, quando as pessoas se aposentam, e também as situações de ninho vazio, dos filhos que crescem e que significado você dá pra vida. Então o conceito de resiliência é trabalhado nessas intervenções, nesses grupos.

Como a psicologia vê esse conceito de resiliência? O que é resiliência para a psicologia?

Resiliência é um conceito que veio da física. Não é um conceito da psicologia, mas a psicologia se aproveitou desse conceito para explicar vários fenômenos relacionados a, por exemplo, acreditar na sua potencialidade, entender como isso ocorre. O conceito de resiliência trouxe muitos benefícios para a psicologia, principalmente para uma ciência que seria uma abordagem que se chama psicologia positiva; também tirar a psicologia desse modelo biomédico onde as pessoas só pensam na doença, da tradição mesmo das abordagens psicológicas, como a psicanálise, e outras que focam muito na doença, na psicose, na psicopatologia, na neurose. Então o conceito da psicologia positiva onde entra esse conceito de resiliência trouxe esse benefício de focar na potencialidade do ser humano, nas virtudes, nas questões positivas, no que ele tem por exemplo para sair de uma crise. Que aí entra a questão da resiliência que é entender o que é ser resiliente, como eu me torno resiliente?

Você tem uma resposta para essas perguntas?

Sim. Alguns teóricos falam que a resiliência é algo inato. Mas a maioria dos teóricos da psicologia falam que é algo que você constrói. Então essa teoria de ser inato não tem sido muito apoiada, por teóricos atuais, porque acredita-se que a resiliência é algo que pode ser construído. Então eu posso ter essa força e lidar da melhor maneira com

essas adversidades que ocorrem na minha vida, e ressignificar essas questões. E nós vemos isso muito na prática. Por exemplo, crianças que são criadas em situações de vulnerabilidade, que são até muitas vezes vítimas de abuso, de violência doméstica, e conseguem construir e trilhar esse futuro. Não que elas não sofram, ou que não exista esse sofrimento, mas elas não vão para o lado patológico. Nós acreditamos, eu acredito que as pessoas podem sim se tornar resilientes. Acreditar nessas potencialidades que elas têm e nas figuras que existem na vida delas, nos modelos que elas têm. Uma criança, por exemplo, muitas vezes vítima dessas vulnerabilidades sociais e econômicas pode ter um modelo na vida dela, ou representar um bom modelo, dar a oportunidade de que ela cresça. Isso vai formando essa personalidade mais resiliente.

Segundo o que eu achei até agora, é um conceito relativamente recente na psicologia.

Sim, é recente, vinculado muito a psicologia positiva principalmente, mas outras abordagens têm se apropriado desse termo para dar essas explicações, entender como as pessoas podem modificar a vida delas em benefício delas mesmas.

Agora passando mais para o lado da arte. Existe essa relação entre arte e terapia, ou expressão artística de qualquer tipo com a superação de traumas e adversidades?

Sim, e já existem até cursos relacionando a arte como terapia e a psicologia. Arte de todas as formas: arte escrita, pintura, dança. Então nós temos por exemplo psicodrama, que é uma técnica de psicologia que utiliza o teatro, que é arte para se trabalhar essas questões de conflitos inter psíquicos. É uma abordagem extremamente conceituada na psicologia. Você retrata situações usando questões relacionadas ao teatro, trazendo isso para o consultório, ou grupo- é um trabalho mais em grupo. Existe um vínculo muito grande da arteterapia, até mesmo nas questões ligadas a psiquiatria. A gente vê em filmes, como da Nise da Silveira (que eu recomendo a todas as pessoas que tenham um interesse em arte e a relação dela com saúde mental) é um filme que traz a importância que foi a arte na vida dela, o benefício para essas pessoas que tem transtornos psíquicos- esquizofrenia- a arte modifica a vida delas. Elas começam a transferir todas aquelas questões para um papel, um desenho, uma pintura. É um filme magnífico e mostra a relação da arte com a saúde mental.

Você conhece exemplos específicos de pessoas que foram ajudadas pela arte?

Sim, casos recentes até no grupo de pesquisa que fiz para meu doutorado. Pessoas que utilizaram a arte como forma de ocupação. Eu lembro muito de uma senhora que perdeu o filho, ela tinha apenas um filho, e o planejamento todo da vida dela pós-carreira estava relacionada a vivência com esse filho- morar com esse filho, tudo voltado para esse filho. E eu lembro que ela tinha uma habilidade muito grande nas artes, ela fazia muitas coisas manuais. Ela vendia, e foi o que a ajudou quando esse filho morreu. Ela começou a canalizar todo aquele sofrimento que ela tinha por meio da arte. Então essa arte era ocupação, era alívio das tensões, era uma forma de ela

estar junto de outras pessoas, ou seja, evitar esse isolamento, porque ela estava ali fazendo cursos, ela criou um grupo de amigos, até que participavam de cursos para conhecer melhor o que ela fazia. E ela começou a ver uma outra forma de vida, de viver. A arte ajudou tanto na superação desse sofrimento que foi a morte do filho, como também deu um significado para a vida dela para o pós-carreira. Na aposentadoria ela encontrou uma ocupação e até uma segunda fonte de renda. Ela fazia de tudo, era aquela pessoa que transforma o que ela faz. Ela tinha uma habilidade muito grande pra tudo. Ela trabalhava com argila, pintura, umas coisas muito bonitas e bem-feitas. Então ela começou a participar de feiras mostrando o trabalho dela, as esculturas e coisas que ela fazia. Ela começou a viver. E ela deu esse depoimento, “eu atribuo muito a arteterapia”. Ela deu esse depoimento no grupo, a arte ressignificou a vida dela depois da perda do filho. Acho que pra mim esse foi o maior exemplo, além do filme Nise. Nós já temos muitos dados importantes sobre a arte, a terapia ocupacional trabalhando com pessoas no contexto da doença mental.

E como essa expressão artística afeta o comportamento do artista com o mundo ao redor? Na minha pesquisa achei alguns autores falando que a arte é o meio do artista se comunicar com o mundo e não ficar isolado.

Eu penso que na arte se mostra muito da personalidade, de quem está ali, do artista. Mostra muito de você, da sua individualidade, de como você é. Você percebe isso, nenhuma foto ou figura é igual, por mais que você copie, você tem um traço ou alguma coisa sua. E o artista se coloca nisso, se diferencia de alguma forma. Eu acho que tá muito associado a personalidade de cada um. Você perguntou sobre essa questão do isolamento. Eu vejo que é através dos contatos sociais principalmente, através da construção da rede social, do apoio e do suporte. Porque muitas vezes ele pode ajudar você num certo momento por exemplo a fazer essa pintura sozinha. Eu lembro de uma colega com quem eu morei na Holanda quando eu fui fazer meu doutorado sanduíche e ela tinha um local só para pinturas. Ela falava para mim que aquilo era como um santuário pra ela, uma terapia. Ela descarregava as tensões dela ali, pintando. É um processo mesmo de trazer esse alívio. Eu até brincava com ela “nossa hoje você tá triste, tá usando cores muito escuras”, mas eu sabia que para ela era muito importante. Eu percebia essa influência do humor, quando ela tava animada pintava umas coisas, vamos dizer, mais bonitas, coloridas, enfim. Mas aquilo ali trazia um alívio muito grande. Ela tava sozinha, mas ao mesmo tempo ela fazia vernissages na casa dela para convidar amigos. Esse isolamento era diminuído em função de utilizar a arte para contatar outras pessoas. O intuito não era nem a venda, era mesmo uma ocupação e fortalecer redes. Então eu vejo dos dois lados: a arte pode até realmente trazer complementação financeira para certas pessoas, além do prazer, como também ela pode ser muito terapêutica e dar esse suporte, fortalecendo a rede.

Existem autores que falam que é um jeito de resgatar memória. Por exemplo, Flávio de Carvalho falou que fez sua série trágica (retratos de sua mãe morrendo) porque ele não queria esquecer todo o sofrimento por qual ela passou. Qual a importância dessa memória?

Essa memória traz um alívio pra ele, ela ajuda o outro que está passando por essa situação, que vê aquilo ali e se identifica. Traz um alívio para essa outra pessoa mesmo sem ele conhecer, que é isso que a arte traz, essa questão da identificação é algo muito importante. Traz um alívio mesmo pra ele no sentido de ajuda-lo ele a ter essa história a não perder essas memórias. Principalmente se ele tem um bom vínculo com a mãe, que deve ser o caso dele, de contar essa história, de trazer essa história pra família. Acho que é meio catártico, Freud fala muito sobre isso, esse alívio mesmo desse sofrimento, da ansiedade. Assim como é a fala, a pintura, a arte de qualquer forma pode trazer isso. Então pessoas que fazem teatro e falam que ajuda a diminuir a ansiedade, que são muito ansiosas. Então a arte tá muito relacionada a saúde mental, sem dúvida, eu tenho certeza disso. E a psicologia se apropria muito dessas técnicas para o benefício dos pacientes.

Você falou dessa questão da identificação. Eu estou trabalhando com uma ilustradora que sofre de ansiedade e faz esses desenhos. Aí as pessoas começaram a curtir o trabalho dela, compartilhar. Acontece muito essa questão da identificação. É importante você ver que não é o único que sofre com aquilo.

As pessoas se sentem representadas em ver aquilo, ver que alguém passou por aquilo e isso as fortalece, porque as pessoas se unem, não fica naquele sofrimento sozinha. Elas se sentem representadas e é isso que a arte traz, esse fortalecimento de vínculos.

Você vê alguma coisa contra esse uso da arte, você acha que pode trazer algum malefício?

Até agora não consigo ver como a arte pode ser negativa. Até de pesquisas não vi nenhum caso, nem lidei com nenhuma situação que trouxe a arte como negativa na vida de alguma pessoa. Sempre vejo em estudos, em abordagens como algo positivo. Se tem talvez teria no sentido não da arte em si, mas do artista. Talvez ele sofra (já estou pensando por outro lado, pelo lado de uma análise psicológica do próprio artista) quando ele não consegue se realizar. Ou seja, quando ele não consegue que a arte dele atinja tais e tais pessoas, ou que tenha um reconhecimento. E aí pode trazer uma certa frustração. Mas aí é muito do indivíduo. Mas pensando no que ele produz e no benefício que traz para as pessoas eu sempre vejo benefícios. Até o momento não consegui enxergar nada como negativo.

O Flávio de Carvalho, quando expôs suas obras, elas não foram bem aceitas pela sociedade, que achou grotesco. Aí é mais pelas outras pessoas que podem não aprovar.

Isso talvez possa impactar o artista, mas a obra tem um significado que as pessoas podem ter resistência. Por exemplo, nesse caso resistência em lidar com a finitude, a morte. Vê a vivência de uma pessoa pode chocar, pode ser muito forte. Mas com certeza ele tá trazendo algo ali. As pessoas vão estar se sentindo representadas de alguma forma, outras não, outras sim. Esse movimento eu acho que vai sempre existir. E talvez o artista possa se frustrar um pouco em relação a isso porque ele pode querer que o público goste, quer reconhecimento. E eu acho que talvez não tenha naquele

momento específico, mas mais na frente pode estar preparado para isso. Tiveram outros também. Freud quando falou da teoria psicanalítica e das questões da sexualidade foi extremamente criticado, e foi muito difícil até a psicanálise se tornar uma das principais abordagens da psicologia. E eu acho que é isso, o artista deve também passar por isso. Assim como Van Gogh vendia a arte dele por pouco para se sustentar. A história mostra isso, que o irmão vendia as obras deles para o sustento, o dinheiro não dava mais pra nada. E ele chegava até o momento mesmo de se questionar se ele deveria continuar pintando ou não, e ele tinha um transtorno mental e tudo, se suicidou. Mas hoje a obra dele é extremamente reconhecida e faz um bem a sociedade. Até como pessoa, pensar na história dele.

Você consegue pensar em outros artistas que passaram por isso e conseguiram superar? No caso o Van Gogh não conseguiu...

Van Gogh tinha muitas vulnerabilidades, tinha até diagnósticos de alguns transtornos e não conseguiu desenvolver esse ser resiliente. Ele até tentou, ele criou a casa amarela, ele queria que vários pintores pintassem com ele. Ele buscou esse movimento de agregar pessoas, mas acabou se isolando. Tinha o temperamento muito difícil, as pessoas não conseguiam lidar com as neuroses dele, e acabou se isolando, e enfim, se suicidando. Outros casos positivos...

Também pesquisei sobre a Frida Kahlo...

Taí um exemplo de resiliência claríssimo. Começou num sofrimento desde a infância perdendo os movimentos da perna, de uma doença que a impossibilitava de fazer tantas e tantas coisas, mas ela nunca se entregou. Por isso provavelmente ela conseguiu chegar onde chegou, mesmo com o sofrimento, as limitações físicas. Mas é um exemplo mesmo de uma pessoa resiliente, que conseguiu transformar a vida dela através da arte para um lado positivo apesar do sofrimento psíquico de todas aquelas questões relacionadas ao amor e aquele relacionamento mais conturbado, da própria questão de afirmação da identidade dela. E eu creio que a arte ajudou nesse processo terapêutico.

E se você pesquisar um pouco mais sobre a vida dela, dá para perceber claramente nas pinturas o que ela estava passando. Você pode falar um pouco sobre essas metáforas que os artistas utilizam?

O artista traz para o trabalho fases da vida dele. Não dá para ser neutro, o artista se coloca na obra. Assim foi Van Gogh, as fases da vida dele, assim como Picasso e outros. Eu estive na exposição de Picasso, em São Paulo recentemente e você vê muito essas fases. Assim como foi a Frida, aí vem os símbolos. Os símbolos relacionados à “o que eu poderia ter feito que eu não fiz”. Picasso ao final da vida retratava coisas muito pessoais até relacionadas a própria sexualidade. Talvez fantasias de coisas que ele não realizou. E ele traz aquilo, ele passa essa mensagem de coisas que ele poderia ter vivido e não viveu, e foi um artista completo em todos os aspectos. Eu acredito que o artista não tem como se desvincular psicologicamente da arte dele. Pensando um pouco na Frida, Jung fala muito sobre arquétipos, esses símbolos. Ele fala muito das máscaras que nós usamos, que são personas. Nós

usamos máscaras para ser uma pessoa para alguém, para participar de um grupo e essas máscaras são representadas pelas nossas roupas. O Jung traz que é importante destronar essa persona. Você se sente bem quando você realmente é você, sem máscaras. A Frida foi uma pessoa que retratou muito a história dela e lutou muito pra viver, em todo momento da vida dela. Um dos poucos artistas que eu conheço que retratou esse sofrimento em tela. Acho que ela tem uma influência muito grande até no sentido de gênero, nós mulheres nos sentimos muito representadas, Aí entra outra questão, que é a representação de gênero. O quanto ela mexeu com o coletivo, mulheres que tiveram relacionamentos iguais ao dela, conturbados, difíceis e se sentiram ali representadas. Ela empoderou muito a mulher nesse sentido. Esse símbolo do inconsciente coletivo, acho que a Frida traz isso pra gente, essa mulher poderosa, resiliente que muitas gostariam de ser. Então ela representa muito isso.

Eu vou entrevistar alguns artistas que sofrem de ansiedade. Todo mundo tem um pouco de ansiedade e todo mundo fica triste as vezes, o que é um estado clínico de ansiedade e de depressão?

Ansiedade todos nós temos, nem tudo é patológico. Ansiedade quando você vai falar em público por exemplo, para um público que você não conhece, é muito comum. Essa ansiedade até te impulsiona, não é de todo negativo. Ela começa a ser negativa quando começa a prejudicar a sua vida. Quando você deixa por exemplo, de fazer um seminário porque você tá muito ansiosa e não consegue falar em público, e aí você perde uma nota, enfim. Quando você precisa andar de avião e você tá naquele nível de ansiedade e de fobia que você não consegue. Aí você começa a pensar nas questões patológicas que vão te impossibilitando que seriam importantes para a sua vida. Se você não consegue lidar e enfrentar a sua ansiedade (porque quando você enfrenta ela tende a diminuir) aí é o momento em que você precisa de ajuda. Você tem que procurar um psicólogo, uma terapia pra te ajudar a lidar com essas questões e a entender onde está a origem daquele problema. Na depressão também seria mais ou menos isso, mas ela entra em um estágio talvez até mais visível de sintomas. Tem aquela tristeza, aquela apatia- eu estou falando de depressão como um todo porque teríamos que ver quais são os sintomas específicos, a depressão tem níveis de intensidade. Uma depressão de uma perda de uma pessoa, por exemplo, ou acabar um relacionamento. Você vai entrar em um estado depressivo, vai ter as vezes vontade de ficar só dormindo, de chorar. Aquilo é situacional, pode ser que demore tanto tempo para um, e tanto para outro, é um estágio de depressão. Você pode demorar uma semana depois que você acabou o namoro naquele estágio, ou demorar um ano, vai depender de cada pessoa. Você vai ter estágios e você vai sair daquela crise. O lado patológico da depressão, em que entram fatores genéticos, enfim, que são os casos mais crônicos, e mais difíceis. As vezes tem que entrar com a medicação, você precisaria ter esse suporte psicológico. E a arte, sem dúvida pode ser uma aliada. É uma forma de ocupar sua mente, de melhorar. Porque as pessoas em depressão elas ficam com muitos pensamentos disfuncionais, pensamentos negativos: que tudo tá ruim, que nada tem valor. Não é uma coisa simples e fácil, principalmente pra quem tem depressão crônica, mesmo que ela tenha tudo. Eu lembro de pacientes que falavam “meu marido é muito bom, meus filhos me dão tudo,

eu tenho uma casa muito boa, eu tenho um bom status social, eu me sinto realizada no meu trabalho, mas eu não tenho força, eu tô sempre triste, sempre apática”. A arte pode ajudar nesse sentido, de ajudar essas pessoas a investir em outras coisas. As pessoas se descobrem. Eu lembro de um senhor que falava pra mim “eu comprei uma máquina fotográfica e estou investindo em tirar fotos, tô fazendo cursos e tô adorando, nunca pensei que na minha idade (60 anos) eu fosse descobrir prazer em fotografar e até expor minhas fotos em encontros”. Eu acho magnífico essa mudança. Ela resignifica mesmo, traz pra pessoa que ela pode mudar. Não é que ela vai ficar curada da depressão (nos casos mais crônicos) mas a arte entra como uma ferramenta de ajuda.

Quando eu for entrevistar essas pessoas que pontos você acha importante eu ressaltar, perguntas relevantes que eu deva fazer?

Falar primeiro da história dela com a arte, é importante conhecer essa história e perguntar de que forma a arte ajudou a lidar com o sofrimento na vida dela. Se ela viu algo positivo, e de que forma isso ocorreu. Acho que isso é central. Tenho certeza que dali ela vai falar sua história. Tenho certeza que você vai encontrar associações a essas falas que estou trazendo aqui. Eu tô até curiosa como pesquisadora pra saber o que essas pessoas vão falar. Penso que eles vão falar muita coisa boa, acredito que vai caminhar por isso, por tudo que a gente já conversou.

Vemos muita gente falando de ansiedade e de depressão hoje em dia. É por que está deixando de ser um taboo, ou é por que os casos estão aumentando, e hoje realmente tem mais gente com depressão do que antigamente?

Eu acho que existe os dois lados. Antes não eram doenças reconhecidas pela OMS, que reconhece hoje que a depressão e a ansiedade são hoje dois grandes desafios da saúde pública, principalmente a depressão. As pessoas sofriam muito sozinhas porque as outras desqualificavam esse sofrimento. Hoje a ciência, até mesmo a psicologia já evoluiu muito e trouxe esse cuidado, esse respeito com a pessoa que tá com esses sintomas. Isso tem que ser falado muito. Então acho que a depressão sempre ocorreu e hoje as pessoas têm tido a oportunidade de falar sobre isso sem serem discriminadas, sem serem desqualificadas em suas falas, sem se sentirem menosprezadas. Esse é o grande diferencial, embora eu acredite que a sociedade atual também leve a muitas causas de sofrimento. Esse mal-estar em relação a pertencer a grupos, essa questão do capitalismo em que as pessoas querem muito se dar bem na vida, de querer muitos bens materiais. E isso gera muitas frustrações e muita gente não sabe lidar bem com frustrações, aí vem a depressão. Não que as pessoas não precisem de objetivos, mas elas precisam ter consciência das frustrações que vão passar na vida, e aí entra também a questão da resiliência.

Entrevista com Vicktor Alves

Você pode me contar um pouco sobre você? Me contar a sua história...

Meus pais tiveram um casamento de quase 21 anos- esse casamento foi um exemplo muito grande pra mim- e se divorciaram logo depois de pequenos problemas familiares. Aquilo foi um baque na família, principalmente pra mim porque eu tinha meus pais como exemplo... então aquilo desencadeou várias coisas, principalmente um pré-depressão quando eu era muito novo. Um pouco antes da separação dos meus pais eu me assumi gay, eu tinha 13 anos. Um pouco depois disso meus pais separaram, na minha cabeça a culpa era minha..., mas a culpa não era minha, eram do meu pai e dos problemas que eles tiveram. Minha mãe quase morreu depois da primeira separação, o que foi muito pesado porque desencadeou não só a depressão, mas a ansiedade, e junto disso veio também a obesidade. Eu era uma pessoa muito grande, com menos de 14 anos e isso atrapalhou muito aquela fase da puberdade, da adolescência. Então as coisas começaram a desandar já a partir daí. E a minha vida não foi muito fácil depois que eu me assumi. Eu não sei se solitário é a palavra certa, mas eu era uma pessoa muito sozinha naquela época. As amizades que eu tinha eram amizades muito falsas, e as pessoas que andavam comigo geralmente era pra fazer chacota da minha pessoa, coisas do tipo. Eu era a referência engraçada do grupo. Eu era uma piada pras pessoas. E o que me salvou disso tudo foi a fotografia porque eu não tinha amigos, eu não tinha com quem socializar eu não tinha uma forma de me expressar, e isso era muito ruim.

Você pode dar mais detalhes de como você começou a fotografar?

Eu comecei a fotografar um pouco antes dessas coisas acontecerem, eu tinha uma daquelas maquininhas da Fujifilm, daquelas bem antigas.

Alguém te introduziu?

Foi um presente da minha mãe. Foi o primeiro presente da minha vida que perdurou muito, e foi seguindo junto comigo. E eu fui dessa Fujifilm super simples pra uma Fujioka digital. E eu fotografava de tudo, saía nas ruas fotografando coisas super aleatórias. Foi engraçado porque a minha primeira tentativa com a Fujifilm eu estraguei todo um filme... que eu não sabia né...foi bem triste. E a partir daí eu fui fotografando... Quando todas essas coisas ruins começaram a acontecer o que me salvou muito foi a fotografia.

Como foi a experiência de se assumir?

Me assumir com 13 anos foi bem difícil. A maioria das pessoas nessa idade não tem a cabeça formada, não sabe o que quer. E no meu caso foi um pouco estranho porque eu me assumi com 13 mas eu fui ficar com o primeiro cara da minha vida um ano depois. Eu cheguei em casa e falei “mãe, eu acho que eu sou gay”. E ela meio que teve um pequeno surto e ficou na dela... foi estranha a reação. E eu falei “mãe, não conta pro meu pai até eu ter certeza”. E a primeira coisa que a minha mãe fez foi contar pro meu pai quando ele chegou. Meu pai foi conversar comigo e não foi uma

conversa tão amigável. E isso desencadeou uma série de coisas, eu fiquei de castigo por quase um ano, eu fiquei sem celular, eu fiquei sem internet. Acho que foi o pior ano da minha vida. Me assumir com 13 anos, pra mim foi um amadurecimento muito grande. Porque a minha vida mudou muito a partir dali, tudo mudou praticamente. A forma como eu me tratava, a forma como eu tratava as pessoas, a forma como as pessoas me viam, pessoas que eram do meu convívio e descobriram aquilo também. Então muita gente se afastou, pouca gente resolveu ficar. Principalmente das amizades que eu achava que eu tinha. E isso foi bem pesado, muito pesado. E um ano depois eu descobri o primeiro cara. Um ano depois eu fui ficar com a primeira pessoa. E eu fiquei com ele, foi uma pessoa que me ajudou muito, nessa época eu já estava me afastando das pessoas, já estava passando pelos problemas dentro de casa em relação ao divórcio. Então foi uma época muito difícil, e essa foi uma pessoa que me ajudou muito, mas foi uma pessoa que pouco tempo depois pisou na bola, então...

Depois que você parou de fotografar com a Fujifilm...

Depois que eu passei pra câmera digital eu fiquei com ela por um bom tempo. Aquilo me salvou muito, eu não tinha uma forma de me expressar, eu não tinha uma forma de falar pras pessoas a forma como eu me sentia. Então tanto a questão da música, quanto a fotografia. Só que a fotografia me ajudou mais. Porque a fotografia era uma coisa palpável, eu podia mostrar pras pessoas. Era legal essa sensação das pessoas reconhecendo algo que você fez e que era bonito. Eu comecei a fotografar por que? Eu não via beleza em mim. Eu não conseguia achar nada bonito em mim, nada.

Você mencionou que você teve que lidar com a obesidade também...

A época em que eu fiquei mais “intenso” na fotografia foi depois da obesidade. Eu comecei a fotografar antes de acontecer todas as coisas dentro de casa, e depois que aconteceu isso o que me salvou foi a fotografia. Veio a depressão, veio a ansiedade, a obesidade, então o único escape que eu tinha era fotografar, que era o momento em que eu saía pra rua e esquecia de tudo. Então pra mim, estar na rua era um remédio. Eu não pensava em nada de ruim que estava acontecendo na minha vida, nem no que tava acontecendo em casa, então isso me ajudou muito.

Como você se sente quando você está fotografando?

Quando eu tô fotografando é engraçado porque eu me sinto conversando com uma pessoa, só que completamente calado. É a minha forma de conversar com as pessoas. Sabe quando você acha que você faz algo bem, mas que nem todo mundo entende? Mas que você sabe que faz bem. Eu gosto das fotos que eu faço e é uma forma de mostrar pras pessoas como eu enxergo elas. Isso é bacana. E é mais legal ainda quando alguém olha a sua foto e fala “que massa, que lindo”. E a foto é daquela pessoa, então ela se achou bonita e ainda achou a foto bonita. Então isso é muito bom. Na época da obesidade fotografar me ajudou muito por n motivos, e foi até aí que começou uma pequena terapia em relação à foto porque eu não me achava bonito, não conseguia ver nada de bonito em mim, não existia uma auto confiança. Eu

fotografava as pessoas porque eu achava que não tinha que fotografar a mim. Eu não achava nada o que fotografar em mim.

Você começou então fotografando os outros?

Outras pessoas.... Eu saía nas ruas e fotografava pessoas completamente aleatórias. Eu não via coisas bonitas em mim, mas eu via nas pessoas. E aquilo era legal porque eu podia falar “olha que bonito, eu não tenho, mas outra pessoa tem”. Isso era interessante, registrar um momento, registrar algo que me faltava, mas captar aquilo em outras pessoas. Eu achava aquilo bonito, mas eu não achava aquilo bonito em mim. Depois de um tempo eu fui percebendo que se eu não conseguisse achar coisas bonitas em mim, eu ia entrar em uma depressão profunda por conta de aparência, e isso não ia ser legal. Então comecei a desenvolver uma pequena terapia dentro de casa. Eu, todos os dias, fotografava uma parte do meu corpo que eu não gostava, e tirava o final de semana pra poder olhar todas elas. E eu aprendi que quando você convive com algo mas você não tem uma rotina de estar observando, você acha estranho, você acha esquisito, você não dá valor. Pra você aquilo é feio e não te acrescenta em nada. Mas a partir do momento em que você observa aquilo, e encara aquilo e passa a ter uma convivência muito mais próxima, você passa a admirar. Querendo ou não você passa a ver alguma beleza naquilo... E nessas fotos eu tentava procurar alguma coisa. E sempre observava os mesmos defeitos do meu corpo. Se tinha alguma estria eu destacava a estria, se tinha celulite eu destacava a celulite. Se tinha alguma gordura a mais eu destacava aquela gordura. Então eu tinha que encarar aqui, tinha que ver aquilo... pra poder me acostumar, é o meu corpo. Se você não se acha bonito, uma pessoa que é vem de fora não vai te achar. Isso me ajudou muito porque eu consegui encarar meu corpo. Eu consegui olhar pra mim e falar “caramba, é o que eu tenho, eu vou ter que viver com isso”.

Como é seu método de fotografar?

Como eu costumo fotografar outras pessoas eu digo pra elas ficarem bem livres durante todo o ensaio, de preferência conversando, falando com alguém que elas gostem. Porque pra mim fotografia é isso. Toda a experiência que eu tive desde novo com a foto me levou a gostar de coisas bem espontâneas. De pessoas conversando, de pessoas rindo aleatoriamente, fazendo certos movimentos... E é isso que eu busco nas pessoas quando tô fotografando, a forma como elas realmente são, a forma como alguém de fora vê ela.

Como as fotos que você faz de outras pessoas são diferentes dos seus autorretratos?

As fotografias acabam sendo diferentes porque as delas não são tão pessoais. Eu preciso passar pra elas algo bonito, e passar pra elas o meu trabalho, que é mostrar a forma que eu enxergo elas. Pras minhas fotos é algo muito pessoal, é uma comunicação que eu tenho que ter comigo mesmo e que eu não tinha, eu tive que aprender isso a força. O sentimento é diferente. O sentimento que eu tento passar pras pessoas de fora é um sentimento alegre... e pra mim é algo meio pesado porque

é como se eu tivesse lavando roupa suja comigo mesmo. Os meus autorretratos tratam muito disso, dessa questão mais pessoal, essa é a diferença.

Você tem muitas fotos em detalhe dos seus olhos.... Por que isso?

A única coisa que eu consigo achar bonito em mim são os meus olhos, até hoje em dia. Eu gosto muito dos meus olhos. Puxou os da minha mãe. Quando eu tirava alguma foto do meu corpo eu tirava toda a nitidez do olho, ou eu passava uma faixa preta no olho, ou dava um blur, fazia alguma coisa..., mas eu fazia alguma coisa para que os olhos não aparecessem porque eu queria que as pessoas vissem algo bonito que eu não via. Eu achava os meus olhos bonitos, pra mim já bastava, não precisava aparecer na foto.

E você tem também muitas fotos cortadas, que não mostram o rosto, de partes do seu corpo...

Eu descobri que meu problema comigo mesmo era o meu corpo- pra mim meu corpo contava do pescoço pra baixo, esse era o meu problema. E eu acho que minhas fotos retratam muito isso, muitas fotos minhas tem o rosto cortado...Cada autorretrato que eu tenho é uma conversa diferente comigo mesmo: "olha, você tem que reparar nisso, você tem que começar a ver algo bonito nisso".

E como você se sente hoje em dia fazendo essas fotos?

O Vicktor de hoje- de quando tinha 13 ou 14 anos- é uma pessoa completamente nova. Hoje eu sou uma pessoa acostumada com meu corpo, não tenho vergonha de vestir o que quer, de sair da forma que quer na rua... e isso é bom. Nossa, é gratificante você colocar a roupa que você quiser e sair e se achar maravilhoso com aquilo. É muito bom você tá de bem com seu corpo. Hoje eu falo que essa terapia que eu fiz anos atrás comigo mesmo foi uma das melhores coisas da minha vida. Eu aprendi desde cedo a ter uma conversa comigo mesmo sobre tudo aquilo que me assustava. A fotografia me ajudou muito nisso.

E em relação à depressão?

Hoje em dia- em relação à depressão eu posso falar que eu tô bem tranquilo. Mas em relação à ansiedade, ela ainda me persegue, e isso é as vezes bem comum. Mas essa terapia de sair e fotografar, mesmo que seja com o celular, acaba me ajudando muito.

E você ainda sai muito pra fotografar hoje em dia?

Hoje em dia eu faço mais fotos com o meu namorado. A gente sai e fotografa um ao outro, faz algum autorretrato, fotografa paisagens, detalhes. Coisas bem íntimas pra gente, que falam muito da gente.

Você tem muita foto aqui, no centro, nesses monumentos. Por que você gosta de vir aqui tirar foto?

Eu não sei explicar, eu me considero uma pessoa muito minimalista, simples. E os traços do museu, da catedral acabam sendo muito simples também. É um espaço

bem aberto e toda a estrutura- você olhando de baixo pra cima- acaba desenhando, acaba ficando uma coisa muito linda. Porque tem o céu de fundo e... é eu não sei explicar, acho que eu vou deixar porque eu acho bonito mesmo.

E o futuro? O que você quer fazer?

É meio difícil de dizer porque na minha vida tem muitas coisas que eu gosto. Fotografia e música são as principais. No futuro eu penso muito em ter um estúdio e acabar fazendo trabalhos terapêuticos na fotografia.

Me fala um pouco da música.

Mamãe era musicista na igreja e eu praticamente cresci ouvindo ela cantar. Minha mãe dava aula- eu devia ter uns dois ou três anos e meu pai trabalhava a noite, e eu não podia ficar sozinho em casa- e acabava indo com ela pra todas as aulas. Ela ficava no piano dando a nota, e eu ficava sentado embaixo, escutando a aula. Então ao mesmo tempo em que estava todo mundo treinando ali com todos os alunos, eu tava ali embaixo tentando agradar minha mãe, “olha mãe, eu sei fazer também”. E eu fui criando uma paixão muito grande por isso. Foi algo que me fez crescer muito também. A música é a forma que eu me expesso, a fotografia é a forma que eu converso. E a música também me ajudou em muitas coisas, principalmente a fazer muitas amizades. Descobrir que tinham pessoas que gostavam da minha voz foi muito bom, porque eu era muito tímido. A música me ajudou muito nisso, nessa questão de me relacionar com as pessoas.

Entrevista com Rachel Denti

Então você é formada na UnB.

Sou formada em desenho industrial, formei agora no meio do ano (2016).

Você tem quantos anos?

Tenho 24.

Quando eu estava pesquisando o seu trabalho, eu li em numa entrevista que você sofre de ansiedade, e tem muito desse tema de saúde mental no seu trabalho. Você poderia falar um pouco disso?

Sim... Eu sempre tive muita dificuldade de me expressar verbalmente sobre as coisas, sabe? E antes de começar a trabalhar com ilustração eu ficava muito sufocada, porque na minha casa não tenho muita liberdade de falar com os meus pais sobre isso, eu tenho essa paranoia de que eu tô falando demais, não gosto muito de falar com os meus amigos sobre isso. E quando eu fui fazer intercâmbio e eu comecei a mexer com ilustração, pra eu poder me expressar e poder tramar ao mesmo tempo e sempre ter inspiração pra tramar. E eu percebo que foi a melhor coisa assim... até porque no meu trabalho eu falo sobre ansiedade e meus problemas de maneira meio assim... não é cômico assim, de maneira meio leve assim. Eu ponho meus sentimentos profundos ali mas eu trato de maneira leve, tanto com as cores, com a maneira como as coisas ficam dispostas. É bom pra mim depois ver completo e falar assim "tá vendo, é só isso". É muito bom pra mim ver o trabalho pronto porque eu consigo ter uma interpretação muito melhor do que tá acontecendo na minha cabeça.

E você trabalha com isso né?

Sim, eu sou ilustradora freelancer, to desempregada, eu tinha um trabalho fixo de design mas eu perdi o emprego, eu sou freelancer basicamente, mais com ilustração que eu trabalho.

E você desenhava desde sempre? Desde criança? Como foi que você começou com essas ilustrações?

Então, na verdade eu sempre tive uma veia artística muito forte, desde pequena. Só que na escola você começa a ficar preocupada com o vestibular, tem que passar na escola, eu estudava numa escola muito difícil, e fui perdendo isso sabe? Rabiscava na aula só e com vestibular cara, sei lá... a gente esquece muito o que a gente gosta pra pensar em dinheiro, pensar o que a família vai curtir. Mas acabou que eu escolhi fazer desenho industrial, que era o único curso na UnB que era mais o que eu queria, nem me interessava por design assim, mas sei lá, tem desenho, deve ser legal. Aí passei, comecei a fazer, e parei completamente de desenhar.

Por que?

Por que? Por causa dos trabalhos. Aqui na UnB, desenho industrial não tem muita ilustração, você tem que ir atrás sozinha. E eu nunca tive muita iniciativa, aí parei de

desenhar. Passei uns quatro anos sem desenhar nada. Eu tenho muito problema em tratar comercialmente as minhas coisas e eu ficava chupando muitas coisas da internet. E eu desenhava e não ficava minha identidade assim, e eu ficava muito frustrada com isso. Aí eu fui fazer intercambio, pelo CsF, e eu consegui fazer Artes lá. Uma faculdade incrível na Holanda, se chama KBK. Eu fui fazer artes e foi incrível, eu tinha todo o tempo do mundo pra fazer o que eu quisesse. Voltei a desenhar e juntei os dois mundos. Artes com design e comecei a fazer ilustração. Eu fui pra lá no meio de 2014 e voltei de lá no meio do ano passado (2015). E foi tudo muito rápido. Eu voltei já conseguindo vários freelas, várias oportunidades, e eu tinha acabado de começar. E muito legal isso, eu me encontrei meio que por acidente assim.

Você mencionou a sua ansiedade. De onde você acha que isso surgiu?

É difícil dizer, até porque antes eu não sabia o que era ansiedade. Então antes eu tinha os meus problemas, mas eu achava assim, que eram os meus problemas, aí eu fui ficando mais velha e descobrindo, eu fui lendo sobre saúde mental e fui me identificando. Mas eu não sei também até que ponto a gente começa a ler demais sobre isso e começa a se encaixar demais. Eu acho que tomar anticoncepcional piorou demais. Mas sempre afetou muito a minha vida, mas principalmente na faculdade por afetar muito o meu trabalho, e a gente fica consciente de muito mais coisa, eu comecei a estudar sobre o feminismo, ciências sociais, esse tipo de coisa.

Tem alguma experiência específica que você viveu, que você transformou em alguma obra?

Tem aquela série minha chamada Everyday Thoughts on Everyday Things que pra mim foi o início de tudo: eu pegar ansiedades minhas do dia a dia e realmente transformar em trampo e foi um trampo que teve muita resposta boa online. Mas uma outra coisa que aconteceu foi que eu passei por um término de namoro de um relacionamento bem complicado. E assim que esse menino terminou comigo eu passei uma semana de cama. Eu já trampava com isso e eu tava na merda com muitas coisas e eu escrevo muito num caderno, pensamentos soltos sabe? E depois eu vou olhando e tentando pegar aquele pensamento ali e transformar num trampo. E quando eu tava mal e eu escrevi algumas coisas, umas frases soltas assim e aí saiu o meu trampo que é aquele Being Alone is Hard Not Being Alone is Hard. Foi disso, e foi um trampo que teve uma recepção online incrível. Foi bem quando isso aconteceu que eu pensei “eu tenho que voltar a desenhar, voltar a fazer minhas coisas, sair dessa cama”. E eu acho que foi assim o mais simbólico pra mim.

E isso ajudou você a passar por esses momentos.

Demais, porque eu tenho muita dificuldade em organizar meus pensamentos, eu sou muito confusa, e você vê que eu falo demais assim. Eu gosto muito de escrever, eu escrevo palavras soltas, o que eu tô sentindo, e depois eu tento organizar de uma maneira pictográfica. Me ajuda a entender... eu sempre escrevo assim, aí no dia seguinte eu abro e vou lendo, vou entendendo o que eu quis dizer com cada uma daquelas coisas e tento transformar isso de uma maneira gráfica.

Você tem alguma peça favorita?

Acho que significado especial todas tem, todos os meus trabalhos pessoais. Tanto que produzir qualquer coisa pra mim é um parto assim. Pra sair sabe, eu sempre tento colocar ali o máximo de mim. Eu gosto muito dessa Being Alone is Hard, que é essa menina no reflexo porque tem vários significados pra mim. Foi quando rolou esses termino, então traduz para estar sozinho é difícil, não estar sozinho é difícil. Então o relacionamento era difícil, quando ele terminou comigo foi difícil, mas quando ele terminou comigo eu fiquei um lixo. E tem a ver com estar sozinho e não estar sozinho consigo mesmo. Eu tava sozinha aquela semana que eu passei de cama, só que foi um pesadelo porque eu ficava com a minha própria cabeça sabe. Então eu tava sozinha mas eu não tava sozinha. Então eu acho que pra mim é o mais simbólico, é o mais forte.

Você escreve em inglês né. Por que isso? É para alcançar um público maior?

Na verdade foi porque eu comecei com os tramos quando eu tava fora. E quando eu tava fora eu nunca esperei um feedback muito grande. Eu sempre postei na internet mas nunca achei que fosse fazer sucesso. E eventualmente fez. E eu sou muito mais famosa lá fora do que eu sou no Brasil. E meus freelas são todos internacionais. E eu tenho até umas coisinhas ou outras em português, porque eu gosto de escrever em português e eu acho que tem que contemplar a galera daqui, mas pra mim é mais interessante fazer em inglês mesmo.

Você pensa em sair do Brasil?

Sim. Eu gostei muito de ter morado na Holanda, me identifiquei com tudo lá. E agora mês que vem eu tô indo pra Itália pra tirar cidadania italiana, e aí eu acho que ano que vem eu vou voltar pra Holanda, tentar a vida lá.

Você pode falar mais a fundo sobre o seu processo criativo?

É difícil, é um sofrimento assim, sempre. Geralmente eu passo o dia inteiro pensando sobre coisas que eu posso fazer. Eu tô andando na rua e fico pensando como eu tô me sentindo agora e o que eu posso falar sobre isso. Aí eu anoto muito no celular e eu sou ruim de escrever texto grande. Eu sou boa com frases soltas sabe. Então eu anoto várias frases soltas, fica uma bagunça e aí as vezes eu esqueço. Tô mal com isso, não quero tramar com isso agora. Aí esqueço. Aí as vezes passa uma semana ou duas e eu penso “ah queria trabalhar, queria fazer uma coisa nova” Aí eu vou no caderno, olho e tem várias frases. Aí eu piro em uma e começo a pensar o que eu posso tirar disso. E funciona assim.

E como você se sente antes, durante e depois?

Eu ia até fazer uma zine sobre isso porque é muito difícil assim. Todo trabalho que eu faço- pode ser pessoal pode ser freela- eu falo “não quero mais ser artista”. Porque é muito difícil, tipo eu tenho muito problema de autoestima e eu fico me colocando em questão o tempo todo. Eu nunca gosto do que eu faço, eu fico sempre frustrada. Então assim, o antes é o mais tranquilo. São sempre umas frases soltas que eu não tenho

nenhum compromisso, só vou jogando meus pensamentos. E aí na hora de fazer o trabalho eu me cobro muito. E por mais que as vezes esteja muito legal eu nunca acho que tá muito legal. Então principalmente quando tem uma demanda, quando não é trabalho pessoal, é freela eu sofro muito. Fico pensando “nossa, essa pessoa não vai achar suficiente, vai achar uma merda”, então eu sempre me ponho muito em questão, eu costumo sofrer, roer todas as unhas, passar as noites em claro assim. E aí depois de dois dias eu vejo e penso “ah, não tá tão ruim assim”. E nunca aconteceu de mandar coisa pro cliente e nunca chegar ao fim. Sempre é de boas. Eu sempre sofro muito mais do que eu preciso sofrer, mas eu sempre sofro.

E como você se sente com todo esse feedback que você recebe? Você falou que não esperava por isso, mas eu tava vendo sua página e tem muitos comentários positivos. Como você se sente com isso?

Feliz pra caralho. Meu primeiro trampo que fez sucesso, que foi o Everyday Thoughts, eu postei na internet... só porque eu postei na internet. E eu gostei super quando eu fiz mas, sei lá, postei na internet. E de repente o The Design Blog tinha repostado. É um site muito grande que reposta trabalhos. E de repente no meu Tumblr eu tava com 60 mil notes. E eu fiquei “o que aconteceu? 60 mil!” E sei lá, pra mim é surreal até hoje. Eu já fiz freela pra muitas empresas grandes e eu fico “que?!” sabe? Mas é muito bom, é muito massa fazer uma parada que eu curto, sacou? É um sonho ganhar dinheiro fazendo uma parada que eu gosto. E eu sofro, mas é porque eu quero que fique bom.

Você fala muito de feminismo também. Como a sua experiência influencia seu trabalho? Você acha que é um jeito de dar visibilidade pra causa?

Com certeza, muita coisa da minha ansiedade eu posso relacionar com questões abordadas pelo feminismo. Minha baixa autoestima, minhas inseguranças, eu acho que tem muito a ver com o fato de eu ser mulher. E a gente demora a perceber isso. Eu fui entender muito essas coisas depois de estudar muito assim, eu comecei a ligar uma coisa na outra. Então eu acho muito importante pegar a visibilidade que eu tenho e usar em questões políticas também. Eu acho que mesmo quando a gente fala de coisas pessoais a gente tá sendo político. Se expor e falar sobre ansiedade é um ato político. No momento em que a gente tenta se esconder e fingir que é forte (instagram por exemplo, em que tá todo mundo feliz) você se mostrar vulnerável, para mim é um ato político. E isso tem muito a ver com o feminismo. Não é porque eu sou mulher que eu tenho que me mostrar sempre forte, sabe? E sou mulher e eu sou vulnerável e eu fico na merda. E é importante as pessoas saberem que eu tenho meus momentos bons e eu tenho meus momentos ruins também. E eu acho importante as outras pessoas saberem que as outras pessoas são assim.

Você pode me contar um pouco mais da sua vida, onde você nasceu, cresceu...

Eu nasci em Teresópolis no Rio de Janeiro, uma cidadezinha pequena. Eu vim pra cá com sete anos e aqui eu estudei a minha vida inteira, e na hora de escolher o curso, foi aquilo que eu falei eu não queria nada, mas “eu tenho que ir pra UnB”, e aí foi por

isso que eu vim pra cá, e tava super frustrada e aí eu consegui esse intercâmbio que eu fiz porque me obrigaram...

Por que?

Eu sou muito sem iniciativa pras coisas. Eu nunca acho que vou conseguir nada, eu nunca tento nada. É idiotice... aí uma amiga foi e ficou “tenta cara, é de graça, vai lá” Aí eu me inscrevi e fui passando nas fases e aí na hora de escolher a faculdade eu falei “vou escolher a minha faculdade preferida do mundo, não vou passar, mas eu vou escolher”. E foi a melhor coisa da minha vida, eu me descobri lá... E não só em relação a artes, tudo da minha vida eu mudei completamente.

Como foi a experiência?

Tipo morar sozinha foi uma coisa que ajudou muito. Eu moro com meus pais e a gente tem um relacionamento difícil, então foi bom ter um ano sozinha. A cultura é diferente... e não sei... eu me identifiquei muito com as pessoas lá, meus gostos, meus interesses. Óbvio que tem gente aqui que também gosta do que eu gosto, mas lá era muito mais fácil encontrar as paradas que eu gostava. E eu me identifiquei muito com a faculdades, os professores, os métodos. E eu mudei completamente assim, de verdade. Pra melhor, na minha opinião. Eu me descobri no meu trampo, que pra mim é impagável. Eu gostava de design, eu gosto de design mas não é uma coisa que eu faço com tanto amor quanto eu faço ilustração. Principalmente eu poder ilustrar falando sobre mim. E as pessoas gostarem... eu tô ali fazendo uma coisa que eu faria normalmente, sabe e isso é bom, muito bom.

E como é que você trabalha? Eu não entendo nada de ilustração... você desenha no papel...

Depende. Eu desenho tanto no computador que eu não sei mais desenhar a mão. Mas eu faço geralmente um rascunho do que eu quero fazer- quando é um trampo mais complicado que eu quero fazer, geralmente eu faço um rascunho de composição, aí tiro uma foto, daí ponho pro Photoshop, e no Photoshop eu faço o rascunho de verdade. Eu tenho aquela mesa digitalizadora e aí faço um rascunho no Photoshop, passo pro Illustrator, e aí no Illustrator eu vetorizo, e é isso assim. Como eu já tenho um estilo definido, é muito bom porque geralmente vai rápido, sabe? Eu só tenho que trabalhar com cor e com aquela textura que eu uso que são aquelas bolinhas e é basicamente isso.

E como você chegou a essa estética? Você tem influências?

Eu fui chupando de vários artistas.

Quem?

Tem um japonês chamado Hiza Okawa. Ele também trampa com personagens bem simples assim, formas simples. Em questão de conteúdo eu gosto muito do Blazer lamer. Que é um quadrinista americano. É um estilo de desenho totalmente diferente assim. Mas acho que a abordagem é muito parecida, me influencia muito. Tem outro

cara que eu gosto que se chama Clay Richson, que parece muito com o meu trabalho inclusive. Que mais?... Tem o Parra que é um ilustrador holandês. Enfim, eu gosto muito desses caras que fazem um trabalho bem simples: cores chapadas, e uns personagens bem fortes, com cores fortes, traços simples e tal. E eu tô sempre olhando o trampo deles. Sempre que eu quero começar um trabalho novo eu olho várias coisas.... Enfim, eu acho que criar é sempre você dar uma chupada nos trabalhos dos outros. Não copiar, mas se inspirar mesmo.

Você criou algum personagem que é recorrente? Que te representa?

Pra falar a verdade é sempre eu. Você pode ver que os personagens... geralmente é mulher que eu desenho. Eu desenho homem muito mal então eu tô acostumada a desenhar mulher. E sempre é uma menina de cabelo preto e várias vezes é uma menina de franja. Mas sempre sou eu de alguma forma.

Você falou que a relação com seus pais não é muito boa. Porque?

Como é que eu posso falar isso? É bem complexo. A gente não tem uma relação de confiança um com o outro. E não é uma... confiança e amizade assim. É uma instituição familiar mesmo, e tem a hierarquia lá dentro de casa.

Eles são muito tradicionais...

São com várias coisas. Minha mãe é muito controladora. Minha mãe sempre me cobrou muito, e em vários momentos o que foi ótimo porque eu sou uma pessoa muito... Modéstia a parte eu sou uma pessoa que sempre procura fazer o meu melhor, eu cobro muito de mim, o que as vezes é bem ruim. Mas as vezes é muito bom. Mas ela é muito exagerada com isso e a gente sempre teve uma relação muito hierárquica mesmo. Então é ruim estar em casa e não ter ninguém pra conversar assim.

Você é filha única?

Sim, sou filha única. E eu acho que isso influenciou muito na minha ansiedade, essa maneira minha de me cobrar muito, acho que veio disso, sabe. Ter autoestima baixa...

Você quer falar mais alguma coisa sobre o seu trabalho? Alguma coisa que você acha importante?

Não sei se tem muito a ver com seu trabalho... mas uma coisa que tem me incomodado muito que eu tenho percebido é a relação que o pessoal aqui do Brasil tem com a arte. Questão de respeito com a arte. Que nem eu falei, eu faço muito freela internacional, 95% dos meus freelas são internacionais.

Lá fora eles valorizam mais...

Muito mais. Todo trampo que eu vou fazer aqui é ruim, sabe? E é muito chato eu fazer uma coisa que eu gosto e estar achando ruim. Mas lá... eu recebo um e-mail "ah Rachel, a gente precisa de uma ilustração aqui pra um texto, topa?" Aí eu leio o texto e topo. "Passa sua conta que a gente vai te transferir". E eu mando e eles pedem as vezes "muda a cor" ou "muda um pouquinho o formato".

Você tem mais liberdade?

Tem mais liberdade. E se a pessoa vai até mim, é porque a pessoa gosta do meu estilo, confia no meu trabalho e quer aquilo ali. Aqui no Brasil é assim “eu quero uma ilustração, essa menina é ilustradora, faz aí uma ilustração”. Aí eu faço e aí “ah não era esse estilo que eu queria”. Então por que você veio falar comigo? Esse é meu estilo. E aqui toda vez que eu vou fazer trampo volta pra alteração dez vezes. Eu tenho que virar noite ligando pra cliente, mudando as coisas, mandando de volta. E lá fora é só “ajeita o formato, o título vai entrar aqui”, ou “muda a cor” ou “ajeita o fundo” e acabou. E é foda a gente se estressar tanto assim com uma coisa que é tão pessoal, uma coisa que você gosta tanto. Por isso que eu nem direciono tanto os meus esforços pra fazer freela nacional. Já sou meio estabelecida com cliente fora.

Você já fez trabalho pra vários lugares do mundo?

É, já fiz pros Estados Unidos, Reino Unido... Estados Unidos é o que eu mais fiz coisa, até hoje. Aí fiz um agora pra França, já fui chamada pra fazer um no Japão mas não deu certo no final das contas, mas ia ser muito legal. Já fiz coisa holandesa também, acho que só... espanhol também. É isso. Entrevista também eu já dei pra vários lugares do mundo.

Você é bem reconhecida né, legal isso.

É meio surreal assim, as vezes.

Entrevista com Alessandra Roscoe

Você pode começar falando um pouco da sua história, onde você nasceu... como começou a escrever...

Eu nasci em Uberaba, Minas Gerais e vim para Brasília muito cedo, com três anos de idade já tava aqui. E eu acho que a minha relação com a palavra vem de sempre. Primeiro com ouvinte, eu ouvia as histórias que meus avós contavam. Um tio muito querido reunia a meninada toda pra contar história. E desde sempre eu escrevia, eu escrevia nos cadernos de poesia, eu fiz o primeiro pasquim da família, um jornalzinho da família, que morreu no primeiro número porque eu contava as fofocas dos primos que namoravam e esse jornalzinho morreu na primeira edição, ele não foi pra frente. Mas eu sempre gostei muito de escrever. E fui pro jornalismo, eu sou formada em jornalismo. A escolha da carreira teve muito a ver com essa questão da palavra, eu queria escrever, eu queria trabalhar com a palavra. E minha história com a literatura começou por conta dos filhos. Na verdade, eu publiquei com nove anos uma crônica na antologia da escola, mas foi a minha filha mais velha (que está hoje com dezoito anos) quem praticamente me obrigou a escrever e publicar o primeiro livro. A gente criou uma história na beira da cama quando ela tinha três anos de idade e eu repeti essa história durante dois anos. Repeti, repeti até que um dia ela falou assim “Chega de mudar a nossa história, senta e escreve”. E ficou. Ela não sabia ler e escrever ainda, ficou atrás de mim “não, essa parte não é assim”. Quando terminei de escrever e li ela falou “é assim, e agora o que falta pra virar livro?” E eu falei “olha, é um bom caminho, não sei nem se vai virar livro e precisa ser ilustrado, eu vou mandar pra uma amiga minha que é ilustradora” e ela se indignou, ela falou “por que que uma pessoa que não sou eu vai desenhar o meu livro, a minha história”? E a partir daí eu levei a literatura por um tempo como um hobby, um caminho paralelo ao jornalismo. Continuei jornalista, atuando no dia a dia, no hard news, até que essa coisa da literatura começou a me consumir de outra forma e eu senti uma necessidade não só de escrever e publicar, mas de trabalhar com a mediação da leitura, de fazer com que outras pessoas se encantassem com o livro, com a leitura literária. E aí não deu mais, chegou um momento em que eu tive que optar. Eu queria estar presente nos eventos literários e a carreira de jornalista me impedia, porque final de semana era plantão, e nunca dava certo, até que eu resolvi realmente chutar o balde no jornalismo e apostar numa carreira que eu nem sabia se era uma carreira. Isso foi em 2007, eu tinha um livro publicado e outros a caminho.

Qual era o livro?

A Menina que Pescava Estrelas, que virou um curta de animação. O Ítalo Cajueiro fez o curta. O Tavinho Moura, que é um ídolo de adolescência fez a trilha sonora. O meu primeiro livro eu tive a alegria de ver na tela do cinema. Eu tinha esse livro publicado e um outro pra sair, também com ilustrações da Bia. Não era uma literatura de peso, significativa, mas eu quis apostar nesse outro caminho. Em 2007 eu realmente pedi demissão da emissora onde eu trabalhava e fui me dedicar a literatura.

Você tira a sua inspiração de onde?

Muito das minhas histórias cotidianas com as crianças. E muito das minhas inquietações também. Eu digo que a literatura, o literário, ele é o espaço do espanto. A gente se espanta, e a gente se espanta também com as coisas diárias. Eu acho que tem poesia em tudo. Se a gente consegue manter esse olhar poético atento, a gente percebe. Então muito das minhas histórias começam com situações vividas em casa, cotidianas mesmo. Eu tenho um livro que é um que eu brinco que é meu hit. Que é um livro com um CD. Eu trabalho a música também, eu fiz duas cantigas para a história e acabou que o livro saiu e as pessoas pediam “eu quero ter a música” e eu acabei fazendo uma edição com o CD encartado no livro e essa história começou quando o meu filho do meio caiu num prato de sopa e a babá que me ajudava a cuidar dele me falou que ele vivia “bilé”. E eu nunca tinha ouvido o termo bilé. E eu falei “nossa, bilé? O que é isso”? Eu tinha ouvido o termo mas com outro significado. Em Minas bilé era maluquinho e lá no sertão do Ceará, de onde ela vinha bilé era tonto de sono. E eu achei aquilo super bacana e resolvi escrever uma história de um jacaré que se chama o Jacaré Bilé que vivia no sertão do Ceará e não dormia nunca porque ele queria comer a lua porque achava que a lua era uma tapioca gigante. Quando eu conto essa história as pessoas falam “mas como assim, só de o menino cair na sopa, a babá falar o termo você foi parar lá na tapioca”? E aí eu acho que é essa brincadeira também de você soltar a imaginação e tentar fazer da literatura uma coisa divertida. Eu trabalho com leitura no ventre, com leitura pra bebê, com leitura pra idoso. Então sempre a leitura sem nenhum tipo de obrigação, sem nenhum tipo de proibição. Eu acho que esse é o grande barato. E essa literatura é aquela que encanta né. Quando você se arma de mil intenções pedagógicas, aí a gente perde a literatura. Eu cansei de ser abordada por editores que falavam “você trabalha com bebês e eu tenho um foco... esse público é um público que me interessa e a minha editora é uma editora especializada em mercado financeiro, você não tem um livro sobre educação financeira pra bebê”? Aí sabe, infelizmente eu acho que esse não é o caminho. Você se apropriar da literatura é uma coisa, agora você fazer a literatura em função do moralismo, do pedagógico, eu acho que a gente perde. E aí a gente perde leitor. Literatura, eu sempre digo (as pessoas brincam, falam) eu sempre digo: literatura não serve pra nada, e ao servir pra nada, serve pra tudo. É o que eu acredito que deve ser.

Você fala que literatura não serve pra nada, e muita gente diz que arte não serve pra nada. Você vê a sua literatura como forma de arte?

O literário é sim uma forma de arte. A literatura pra criança- muita gente confunde, acho que por causa da escola, a escola sempre tenta achar uma função naquilo e é isso que você fala. A arte não tem que servir pra nada, tem que emocionar as pessoas. Ela não tem que ter uma função. São sempre experiências estéticas. E a literatura é um lugar onde a gente entra em contato com o olhar do outro. O livro pra criança então, eu sempre falo isso... por que tem que ser um livro bem ilustrado... tem muita coisa ruim publicada. Eu brigo muito quando falam “os livrinhos”. Olha, eu não faço livrinho. Tem gente que acha que escrever pra criança é você encher o texto de diminutivo, botar uma moral na história, fazer um desenho... até a ilustração para um livro pra criança tem muita coisa que eu não considero... focado na infância. E que as

peessoas acham assim: “estou ilustrando pra crianças, as crianças tem que estar todas sorrindo de orelha a orelha, o sol tem que ter carinha”. E não é. Eu acho que a gente tem grandes ilustradores no Brasil, grandes artistas, e eu digo que o livro infantil é o primeiro museu da criança. Então a primeira experiência estética da criança. Por isso que o livro tem que ser sim, um primeiro objeto de arte. Eu tenho uma relação com o livro muito forte mesmo. A palavra que se entranha com a imagem e isso tudo num conceito mesmo de criar um objeto com o qual a criança vai se identificar, que ela possa manusear. Então assim eu trabalho livro pra bebê. Livro pra bebê durante muito tempo foi encarado aqui no Brasil... a literatura para bebê são livros de pano, livros de borracha que ele pode levar à boca, e literatura mesmo não tem nada. Eram brinquedos, eram objetos que imitavam o livro, mas que não tinham história, e não tinha texto. E quando você vai ler pra um bebê, o conteúdo é o que menos importa. Eu trabalho muito no Festival Itinerante de leitura a leitura afetiva, essa voz afetiva, a leitura partilhada. O mediador da leitura fazendo esse caminho daquele bebê, daquela criança que ainda não sabe ler e nem escrever formalmente, mas que já tem uma leitura de mundo, já tem uma leitura informal, e vai ser aproximar do livro a partir daquele encontro: o mediador, o livro e esse pré-leitor. A leitura não é inerente, a gente não nasce e sai lendo. Que nem você nasce e sabe respirar, ninguém vai lá e te fala... e na literatura não, você precisa desse caminho. E eu ficava muito irritada. As pessoas falavam “você trabalha com literatura pra bebê, você já viu esse daqui”? E aí o livro era assim: “O Gato faz Miau, o cachorro faz au au, verde, azul, vermelho” Então isso é outra coisa. Isso não é literatura. Eu sempre defendo a poesia, o, lugar poético é muito perto dos bebês, dos idosos também, que tem todo um trabalho no meu festival. Eu tento levar a leitura pra esses lugares onde ela nem sempre chega. Então asilos... são idosos que além do componente físico já estão perdendo a visão, já tem a falta de memória, alguns já tem Alzheimer. Outros já estão em uma condição pouco interativa, mas ainda assim eles se emocionam quando tem alguém lendo pra eles. Porque eles resgatam histórias deles, que eles viveram em outro momento. Então eu digo que o afetivo faz toda a diferença quando você trabalha a questão da leitura partilhada.

Agora você pode falar um pouco sobre o seu processo criativo?

O meu processo criativo é caótico. Eu queria poder te dizer assim: eu sento todo dia, eu tenho o meu horário de escrever, eu boto uma música..., mas não. Eu escrevo na fila do banco, eu acordo de madrugada, aquela noite assim que eu viro pra cá, viro pra lá, não sei o que eu tô fazendo. E na hora que eu vejo eu tenho três histórias engatilhadas ali. Eu tentei até criar, porque eu acho que é rotina também. A escrita é uma labuta, é árdua. E eu tentei estabelecer isso, mas era muito engraçado porque tudo que eu escrevi nesse momento em que eu sentei e escrevi, eu não consigo aproveitar sequer num blog né. Porque eu acho que aquilo é... não sei te explicar. Eu tenho muito essa inspiração nas coisas que acontecem, uma vontade de trazer à tona... histórias, personagens. Eu me sinto segura se eu tenho uma caneta e um bloquinho onde eu estiver. As vezes uma frase me inspira, uma história inteira, as vezes uma situação. A última história que tá em ebulição aqui já tem um tempo veio por conta de uma relação com um livro. Eu frequento muito sebos de livros e eu fico

lá mexendo mesmo... além de procurar coisas que me encantem, ou coisas muito antigas que eu tenho uma memória afetiva, eu fico mesmo fuçando, lendo as dedicatórias dos livros dos sebos, tentando imaginar... E esses dias eu encontrei um livro com uma dedicatória de um pai para uma filha e dentro desse livro tinha uma carta. E aquilo me tocou profundamente e eu tive a vontade de escrever aquela história daquele pai. Não sei se o livro foi vendido praquela sebo pelo pai ou pela filha, se aquele pai teve coragem de entregar a carta pra filha. E era uma carta sofrida assim, houve alguma quebra naquela relação que eu não consegui identificar. E o livro era o caminho da reaproximação. E o livro me tocou tão profundamente que eu tive uma crise de choro sentada no chão lá mexendo nos livros. Eu comprei o livro.

Qual era o livro?

É um livro bem antigo. Era o livro do Pequeno Príncipe. E não era dedicado a uma criança, isso a gente percebe na dedicatória desse pai pra essa filha, porque ele fala lá de muitas coisas que eles já viveram, que era um livro que ele leu pra ela quando ela era criança, que quando ele era jovem foi um livro que o tocou. E eu comprei esse livro e fiquei com aquela história na cabeça porque aquilo me tocou profundamente. E eu tive vontade de criar uma história pra esses dois. E aí é a ficção mesmo, fazendo essa cama pra essa história que aconteceu e eu não sei como terminou. Então eu digo que o escritor, ele tem esse poder de reinventar as coisas, de criar situações... Mas ele também é um impotente. Eu acho que dos espantos todos dos que o instigam ou os inspiram a escrever nem sempre ele pode mudar a realidade. Na ficção ele pode. Mas na realidade mesmo nem sempre é possível. E a literatura pra mim tem uma coisa maior, não é só uma expressão, não é só uma forma de falar as coisas que eu acho que eu preciso falar, que eu preciso partilhar. Atrás do Olho Fechado é um livro que de todos que eu escrevi, é o que eu mais gosto, que tem muito de mim. E nesse livro aconteceu uma coisa interessante. Eu ganhei de presente esse título, de novo a Bia que me inspirou, minha filha pequena. Ela foi a primeira filha, primeira neta, primeira bisneta, primeira tudo, primeira sobrinha. E quando a gente viajou pra Minas pela primeira vez ela conheceu um primo de segundo grau que era criança. E ela ficou assim “nossa não sabia que tinha gente do meu número, gente do meu tamanho”. E ela brincou tanto com esse primo que a noite quando a gente voltou pra Brasília, umas duas semanas depois ela acordou gritando o nome desse primo. E eu acordei assustada de madrugada e falei “Bia, você tava sonhando com o João”? E ela falou “não mãe, eu tava brincando com ele atrás do olho fechado”. E eu achei linda essa definição de sonho, super poética, e fiz um poeminha. E é um poeminha que encerra o livro, um poeminha mesmo, um poema pequeno.

Você pode ler pra gente?

Atrás do olho fechado tem sempre um mundo encantado

Um mundo em que príncipes e princesas tem o rosto conhecido

E não são apenas personagens distantes, são amigos, pessoas que guardamos no coração

Atrás do olho fechado tem mais que o imaginado

Tem um universo de magia repleto de fadas e duendes, monstros e dragões

E também gente

Gente com cara de gente, gente que não é só fantasia, que alimenta as nossas aventuras e nos dá a certeza de que tudo é paixão

Gente que nos faz entender que até a tristeza, ao ser vencida, carrega seu pedaço de alegria

Atrás do olho fechado esconde-se esse mundo tão delicado

Em que tudo é possível simplesmente porque é desejado

E mesmo que não seja visível atrás dos olhos de quem tá sempre acordado

Não deixa de ser incrível, não deixa de ser sonhado

Atrás do olho fechado tem sempre um mundo encantado

E aí eu mostrei pro meu marido, que sempre foi meu primeiro leitor crítico. É o namorado da adolescência, é o pai dos meus três filhos, hoje tá envolvido totalmente nos meus projetos artísticos. E aí quando eu mostrei pra ele e ele leu falou assim “não acredito, a Bia te dá de presente uma definição poética desse tamanho de sonho e você faz um poema, tá bonitinho o poema, mas Lê, né, tá pouco”. E aí eu fiquei desafiada, me senti desafiada. Sentei e escrevi catorze capítulos de uma vez. São micro capítulos, eu tava nessa onda da leitura pro ventre de histórias pra gente ler pra barriga, ou pra ler pra bebês bem pequenos e os capítulos são bem curtos. Uma página, uma página e meia e uma letra grande, eu queria criar o hábito de ninar. Ou até praquela criança que acabou de aprender a ler criar outro hábito: o livro de cabeceira. Ela vai ler um capítulo, vai colocar um marcador e vai continuar a ler. E travei. Travei no décimo quarto capítulo, não conseguia mais escrever nada. E no meio dessa história a Bia teve uma crise de medos muito grande porque ela perdeu um primo criança. Isso já mais pra frente, demorou um tempo desde que ela me deu o título de presente e que eu comecei a escrever o livro. E eu não conseguia acalmar a Bia, por nada assim. Ela realmente perdeu o chão e começou a perguntar assim: porque que criança morre? E um dia ela chegou assim pra mim e falou “mãe, promete pra mim que eu não vou morrer criança”? E aí a minha vontade era pegar ela no colo, abraçar e dizer “claro que você não vai morrer criança, eu tô aqui pra te proteger de tudo”, mas eu não podia fazer aquilo. Aquele medo dela potencializou em mim a minha impotência. E aí ela falou “então promete que você não vai morrer enquanto eu sou criança” e aí mais uma vez eu falei “não posso te prometer isso, porque se a mamãe atravessa sem olhar e um carro...”. Mas era uma dor tão profunda de eu não conseguir ser a mãe protetora... e naquele momento ela era bem pequena. E eu fiz a canção. Foi a primeira canção que eu compus, uma cantiga de ninar, que foi meio pra dizer: dorme que você tem futuro, não tenha tanto medo, não deixa os medos te engolirem.

Medo a gente tem de tudo. E eu não conseguia falar, eu não conseguia acalmá-la com a conversa. E a música (e aí vem a arte de novo) foi a forma que eu encontrei de niná-la. De ninar aqueles medos, de acalantar aqueles medos. E o livro vem com o CD. A cantiga surgiu antes do fim do livro. E a partir dessa cantiga, o Orlando e um amigo meu que mora na Espanha compuseram uma suíte em seis movimentos que é a trilha sonora da história. Apesar de *Atrás do Olho Fechado* não ter nada a ver com morte eu quis tratar da morte na história. Que todo mundo fala que livro pra criança tem uma série de temas proibidos. Não pode se falar disso. E eu tava numa luta muito grande do que pode e o que não pode. E eu acho que nada é proibido quando você fala com verdade. Não existe isso. Nós adultos muitas vezes subestimamos a capacidade das crianças de entenderem e de lidarem com as coisas. Não é porque é pra criança que tem que ser lindo, magnífico e colorido o tempo inteiro. As decepções, as tristezas fazem parte do mundo deles. E eu queria tratar disso. E esse é um livro que eu trato da morte também. E eu perdi meu pai com oito anos de idade. A história é muito biográfica, as histórias que eu conto, eu realmente vivenciei tanto com Felipe e Bia, na época eu não tinha a Luiza ainda, hoje eu tenho três filhos. A Luiza foi a maior surpresa que a vida me pregou porque foi nesse momento que eu decidi largar o jornalismo e eu decidi encarar a literatura como realmente um trabalho, muito pouco tempo depois eu engravidei e aí “e agora”? E foi maravilhoso assim o quanto de inspiração que ela me trouxe e de parceria na literatura mesmo, foi muito bacana. A Luiza já é autora, publicou sozinha agora uma crônica num livro de filhos e netos de escritores. Se chama “Filhos de Peixe”. E todos os meus três filhos são coautores, e a Luiza já é autora então ela se sentiu assim, importantíssima. E quando eu estava decidida a lidar com essa questão da morte de uma personagem. Eu falei “eu não posso matar o pai” porque todo mundo que me conhece vai ler o livro e vai falar “é ela, a história é ela”. E por mais que seja a minha história eu queria deixar uma pontinha de dúvida pra aqueles que me conhecessem. Se aquilo era ficção ou se aquilo era realidade. E na história eu não matei o pai, eu matei outra personagem que também tem uma força incrível dentro da narrativa. E a Nina, que é a personagem principal na história, que as vezes sou eu as vezes é minha filha... a Nina tem uma forma de lidar com essa morte bem poética. Ela resolve escrever cartas pra essa pessoa e soprar pro céu. O livro foi publicado em 2012, teve uma repercussão bacana, todo mundo que lia me escrevia. E eu fiz até um inventário de carinhos pra *Atrás do Olho Fechado* eu me surpreendi assim. O Tavinho Moura me escreveu pra falar do livro, Fernando Brandt, que ficou emocionado. Artistas, gente que eu nem conhecia, bibliotecários. E eu tava muito receosa de ser um livro que é pra criança, mas trata de uma morte que é tão assim... não é a morte de um bichinho de estimação. E foi muito gostoso receber essas cartas e receber esses e-mails que a própria editora as vezes mandava. E em 2013 eu perdi a minha mãe. E travei, eu não conseguia escrever absolutamente nada. Fiquei mais de um ano escrevendo cartas pra minha mãe. Um dia um amigo escritor falou “e aí o que você tá lançando”? E eu falei “nada, não tô conseguindo escrever. E eu travei de uma forma... e ainda mais nessa coisa de escrever pra criança... eu sinto que a minha dor é tão maior que eu não dou conta de escrever nada, ainda mais pensando na infância. Só o que eu escrevo são cartas para a minha mãe que foi uma forma que eu encontrei de lidar com essa perda que foi de

forma tão brusca. Eu escrevo diariamente uma carta pra ela como se fosse mesmo um diário dessa dor”. E aí esse meu amigo ficou mudo no telefone, é um escritor também e ele disse assim “nossa eu tava te ligando pra dizer que eu li o seu livro *Atrás do Olho Fechado* e que eu fiquei encantado com a história e agora eu tô aqui meio mudo porque você agiu exatamente como a personagem da história. Como se você estivesse prevendo a sua dor, você soube lidar com ela na ficção e agora você tá me contando isso, que o que você escreve são cartas, então você repetiu na realidade...” E aquilo me deu uma coisa assim, nem eu tinha percebido que aquela forma que eu encontrei de lidar com a dor tinha sido ficcionada antes. Então eu digo que até nisso a literatura as vezes me sacode. Então eu digo que quando a vida dói demais eu pulo num livro. Às vezes pra olhar que tem outras dores maiores que a minha e as vezes pra dar conta daquela dor mesmo, acho que só a poesia, só a literatura é capaz de trazer a gente de volta.

E mesmo antes de você passar por essa perda a menina já era inspirada em você...

Ela tinha muito de mim... a Nina na verdade é a minha filha. Aí a gente tem essa coisa da ficção, porque ao mesmo tempo que eu fui um pouco essa mãe- ou a mãe que eu queria ser tava na mãe dessa menina- e eu acho que eu não sou essa mãe, a mãe que está na história é uma mãe poética. Eu acho que eu não sou assim, eu acho que eu sou mais... sabe, carne dura. Mas a menina tinha muito da minha menina. Então na ficção eu acho que eu misturei as duas. As histórias que a mãe passava com os filhos eram as minhas histórias de mãe. Mas muitas vezes o comportamento da menina na história era a minha menina que eu trouxe de outros tempos, apesar de ser também a minha filha. Então é muito misturado. E foi aí que eu quis, eu falei é ficção, mas tem muito da realidade e eu não quis deixar tão claro que aquela perda- e eu tava tratando sim da minha perda- que a maior perda que eu tinha tido era a perda do meu pai- e eu tava tratando daquela perda, um pouco também da perda desse meu sobrinho, que me doeu de uma forma muito diferente da outra, porque é aquela história- quando você é mãe você se coloca... eu me colocava muito no lugar dos meus cunhados... e eu não consigo nem imaginar o tamanho dessa perda, o tamanho dessa dor. Então eu tava ali também. O livro trata dessas coisas simples que toda criança passa, que é o medo de crescer, meio complexo do Peter Pan, e ela tem essa coisa com a escrita, ela fala “eu queria ser escritora pra reinventar todas as histórias que não acabam bem”. Então tem essa coisa de sonho, de infância. E a partir da leitura de um conto do Chris Anderson que é *A Menina na Caixa de Fósforos*, que a menina morre e a menina fica “não, mas cadê o final da história”? e o pai fala “a história acabou” “não, não pode acabar assim, como é que ela morre”? E aí ela quer ser escritora pra reinventar o final.

E nos seus outros livros? Você se coloca muito como personagem?

Eu acho que não. Hoje eu tô mais focada (até por escrever pra essa faixa etária que pouca gente escreve, que é pro bebê mesmo) em coisas que façam os bebês se interessarem. Então que tenham a ver com a realidade deles. Outra coisa que me incomodava, eu lembro numa entrevista que na Bienal do Livro, que eu fui lançar a

coleção Bicho Não, me perguntaram “então isso é pra ajudar as crianças a aceitarem o não”? e eu falei que não tem nada a ver. Então é brincadeira mesmo, é o a-e-i-o-u, o som das palavras, eu acho que nós somos essencialmente seres sonoros. A coisa de brincar com a palavra de experimentar com a palavra em outras dimensões, e a literatura pode fazer essa aproximação, isso sempre me instigou também. Então a Coleção Bicho Não é uma coleção que eu brinco com as vogais. São cinco livros e cada um gratifica uma das vogais, o texto, todos terminam... então, a minhoca não quer pipoca- tudo termina em “a”- jacaré não tem chulé- tudo termina em “e”- e assim vai... jabuti não lê gibi, mico não usa pinico, urubu não come chuchu. Então é uma brincadeira. A ideia é a gente transformar o momento da leitura em um momento de prazer, num momento de brincadeira. Mas agora talvez, eu acho que assim, a gente sempre se coloca, não tem como. Então esse meu lado fanfarrona, esse meu lado bem-humorado tá nas histórias, por mais que sejam histórias de bicho, uma história que não parta de alguma coisa real. E outras não, eu tenho o livro que eu vou lançar agora dia 12- no dia da criança eu vou lançar um livro chamado “Receita Para Bem Crescer”- que é bem essa coisa que eu acredito que a gente deve manter, que é um juramento. Me pediram pra eu fazer um juramento da formatura da creche da Luiza quando ela saiu da educação infantil... e é aquela coisa “a escritora faz o juramento”. E tudo bem, eu faço nas coisas que eu acredito que eles têm que preservar. E aí o livro é bem isso mesmo: “eu prometo nunca deixar de subir em árvores, prometo que na hora de brincar, brincar e na hora de estudar, brincar, e na hora de tomar banho, comer, e na hora de ir dormir, pedir só mais um minutinho. Que é a história deles né. Eu não vou falar “prometo estudar, prometo...” que isso aí não faz sentido. Vem muito disso, eu me divirto criando as histórias e pensando que o leitor vai se divertir também. Então eu acho que essa talvez é a única preocupação que eu tenha: fazer livros que falem com as crianças, não que falem para elas. Eu acho que essa é uma diferença bem importante porque tem muito adulto escrevendo para criança com aquele olhar de que: as minhas histórias são as minhas histórias, e as minhas vontades, e eu só coloco de uma forma ilustrada e digo que é pra criança. E aquilo não diz nada para a criança. A questão da perda da minha mãe tá num outro livro que eu ainda não publiquei e que partiu da imagem que chama “Os olhos de olhar pra dentro”, a “a caixinha de guardar o tempo” é mais um conto mesmo, é um trabalho que comecei a fazer com os idosos, leitura e memória que também era a minha angústia, essa questão da falta de tempo que a gente tem. Então claro que as minhas angústias tão aí, mesmo sendo livros pra criança, mas de uma outra forma, eu sempre tento... o lírico. Eu acho que com um pouco de lirismo, você consegue falar de tudo, absolutamente tudo, seja pra que público for.

E você escreve desde criança né?

Eu publiquei o primeiro conto com nove anos de idade numa antologia da escola, e eu tenho um tio- eu nunca consigo dar uma entrevista sem falar desse tio- ele realmente foi um guru, e a quem eu dedico “A Caixinha de Guardar o Tempo”. Ele não tá mais aqui, o Tio Jorge. A gente podia escolher o padrinho literário, e eu tinha nove anos de idade, na escola eram milhares de crianças de toda a rede pública do Distrito Federal, e eu escolhi o Tio Jorge, que veio de Uberaba e ele trouxe uma caneta que

estava escrito “Alessandra Roscoe, escritora”. E eu olhei aquilo e falei “nossa, eu sou uma escritora”. E claro, nunca mais eu publiquei... não pensava em publicar. O Jornalismo me saciava essa questão do texto. E eu adorava cobrir cultura, aquelas matérias assim que ninguém queria, e eu ia porque eu podia colocar toda minha verve poética nos textos da televisão que eram muito objetivos, muito.... Então eu era a rainha do nariz de cera, porque qualquer matéria- até política, eu cobria muita economia e política... e tudo que a gente aprende na faculdade que não se deve fazer eu adorava fazer. Que era botar um pouquinho... era contar uma história. E eu tive grandes editores que eram amigos queridos que falavam “nossa essa matéria aqui...” e ficava com uma outra cara. Eu ficava pensando muito... a primeira frase de abertura da minha matéria era uma frase que eu buscava, eu trabalhava, eu lapidava, e a partir daí a matéria fluía. Então eu nunca deixei de escrever, eu sempre escrevia poesia em caderno... carta, eu tenho uma mania de carta, eu falo que eu ainda devo ser uma das pouquíssimas missivistas ativas ainda, porque eu tenho amigos de papel... eu compro papel de carta, eu mando fazer papel de carta personalizado porque eu adoro escrever. Essa história dessa carta que eu encontrei dentro desse exemplar do Pequeno Príncipe... a geração dos meus filhos, talvez a sua geração não tenha mais essa surpresa de encontrar uma carta pra você, porque as pessoas trocam e-mails, nem e-mails, e-mail já virou uma coisa ultrapassada. Meus filhos falam: agora é snap, é ultrarrápido, você tem tantos minutos, é a coisa do tempo também. Então eu escrevi muitas cartas, eu tenho caixas de cartas. Eu continuo escrevendo cartas. E aí a literatura mesmo veio nessa sacudida da minha filha. Eu acho que se não fosse a Bia eu não teria publicado, por mais que fosse uma história nossa. Eu contaria talvez pros meus netos na beira da cama, mas não teria publicado.

Esse livro que veio de uma angústia da sua filha... você acha que acabou ajudando ela, você e até mesmo outras pessoas?

Outras pessoas eu acho que sim porque é isso que eu te falei. Essas cartas, esses e-mails que as pessoas me mandavam- e tem um que especificamente muito me emocionou, que foi o da Cláudia que era bibliotecária numa escola aqui de Brasília- que a filha leu o livro e escreveu a carta pra mãe falando das dores dela quando ela perdeu uma pessoa muito querida, e ela falou “nossa, esse livro me ensinou a ver que é pra sempre, que amor não morre”. E aquilo me tocou profundamente, eu pedi até pra Cláudia, falei “ai Cláudia, você me permite compartilhar? Eu sei que é muito pessoal, mas eu vou mandar pra editora essa carta”. E outras pessoas também: tem uma atriz aqui de Brasília que leu o livro em voz alta pro filho quando ele tinha um ano de idade. E eu falei “mas será que uma criança de um ano de idade... percebe”? e ela falou “Alessandra, ele nesse dia que eu terminei de ler, ele pediu pra dormir abraçado comigo”. E aquilo fez todo um sentido diferente pra mim. Então eu digo que quando a gente escreve, eu penso- e hoje em dia é uma coisa racional, antes não era- dessa leitura em camadas. Porque como eu tô pensando também em quem vai fazer a leitura, dentro desse livro tem coisas que a criança de dez anos vai perceber de um jeito, a criança de um ano vai perceber de outro jeito, e que o adulto (que já vivenciou coisas que eu já vivenciei) perceba no livro coisas que a criança não percebe. Então eu acho que quando você trabalha um livro pra criança, você tem que trabalhar essa

camada. Porque quem é que vai escolher o livro? Não é a criança. Esse livro aqui é um livro que eu duvido muito que uma criança chegue numa prateleira e escolha esse livro. Porque a capa... não é uma capa colorida. Isso aqui diz pouco... a carta: isso é uma realidade minha. Talvez você não se identifique com um envelope. Porque a sua geração tá em outra. Mas esse livro aqui, talvez o pai... “nossa esse livro aqui me instigou”, aí vai abrir “nossa tem um CD... é um livro que é pra criança”, ou vai ler a contracapa. Então eu acho que é importante a gente como escritor, e escritor de literatura infantil, pensar nas camadas todas que a literatura infantil envolve.

Foi a Bia que ilustrou esse?

Não, foi uma ilustradora. A Bia ilustrou A Menina que Pescava Estrelas e O Jardim Encantado... que foram meus dois primeiros livros. O Felipe, que é meu filho do meio- ele é o que caiu no prato de sopa- mas o Felipe é extremamente artístico, é um leitor voraz também. O Felipe fez comigo O Menino que Virou Fantoche. É o contrário do Pinóquio. Ele é apaixonado por teatro, desde pequeno diz que vai ser ator, que vai trabalhar com musical... trabalha, já faz tetro a um tempão. E ele falou “mãe, você já tem livro com a Bia... você não vai fazer nenhuma história comigo”? E a Bia dava entrevista, a gente fazia matéria no Correio, matéria na revista, a Bia ia pras bancadas de jornal local dar entrevista como escritora. E aquela coisa instigou o Felipe também e ele falou “eu quero escrever uma história com você” e eu falei “você tem a história”? e ele falou “tenho, eu queria que você escrevesse sobre o contrário do Pinóquio, que é um menino que quer virar boneco, quer virar fantoche”. E a gente fez juntos e aí outra alegria também: a Tatiana Belinky, que é uma escritora que eu lia quando criança, eu admirava profundamente, meu blog fez uma homenagem aos 90 anos dela com crianças fazendo limerikys, que são poeminhas que ela trouxe, a estrutura de poema que ela trouxe pro Brasil e popularizou no Brasil, e desenhos de bruxa, que era a personagem preferida dela. Então o André Neves que é o ilustrador fez a bruxa que ia na capa, mandou uma ilustração de bruxa. O Leo Cunha fez o limeriky que era inspiração pras crianças... e eu recebi trabalhos até de aldeias indígenas. Isso foi um concurso que eu coloquei no Blog, no meu blog pessoal, e quando eu fui vendo o tamanho, a dimensão, tive que criar um júri pra separar os trabalhos. E fui entregar esses trabalhos pra ela pessoalmente em São Paulo. E quando ela viu que eu tava escrevendo O Menino que Virou Fantoche ela falou “eu quero fazer a contracapa desse livro”. E eu fiquei super feliz, então tive essa alegria de ter uma apresentação da Tatiana Belinky. E todos os meus filhos são leitores, tem essa relação com o livro e acho que por conta disso também. Aqui a gente tem livro no chão, livro no banheiro, tem sua coleção pessoal. A minha é acessível, tanto que tem livro amassado, caótico igual o meu processo criativo porque eu precisava organizar isso. Não tem nenhuma organização, eu sei mais ou menos onde eu coloquei os livros e tudo isso é acessível mesmo. Toda criança nesses caixotes, nessas prateleiras, descobrir o que as encanta... pode mexer não tem restrição. Já nem sei, já me perdi, você tinha feito uma pergunta que eu não sei se eu respondi.

Respondeu... O que você pode me falar sobre as metáforas desse livro, de como você faz uso delas?

Eu acho que eu escrevo muito em verso. E aqueles versos que até me trazem um pouco a musicalidade da palavra. Aqui eu uso muitas metáforas, talvez seja meu livro com a maior quantidade de metáforas, nessa colocação mesmo do que é importante pra menina. E eu não tenho essa formalidade de buscar a escrita... eu vou escrevendo, escrevendo e quando eu vejo... então tem as questões dos medos trabalhados numa relação com a leitura também, numa relação com a arte. A família é uma família musical e aqui em casa a gente tem uma sala de música que eu digo que é onde as divergências vão embora. E aí eu entro de novo naquela parte da arte que resgata. Eu tenho muitos conflitos do meu jeito, meu marido é mais contemplador e eu sou a que explode, principalmente com a Bia que eu acho muito parecida comigo, a gente bate muito de frente. E ali, na sala de música é onde a gente consegue falar a mesma língua, a gente consegue conversar de igual pra igual. E no livro também a família é muito musical, essas coisas simples, tem uma horta plantada em casa, vão cozinhar juntos, são coisas cotidianas assim. E a metáfora aqui, que é um livro que trata muito de cotidiano, talvez esteja nessas transmutações de situações cotidianas pra algo muito mais profundo. Então quando... num momento da história a menina rega uma colcha que tinha peixes e os peixes ganham vida. E nesse regar, ali é um ato simplesmente ficcional, fantasioso pra eu brincar com a coisa da imaginação. Mas tem essa coisa da gente regar o que a gente acredita, do impossível. Eu tenho uma frase que é de outra história minha: o impossível só demora um pouco mais pra acontecer. E eu acredito muito nisso, nessa desvirtualização do real... a partir da imaginação. E isso o bebê tem muito. Quando você trabalha com bebê você vê demais. O bebê tem uma capacidade de reacionar o imaginário que uma criança de quatro anos já não tem. Se você chega pra um bebê- e isso a gente vê nas formações do festival- você chega pra uma criança bem pequena e fala “você guarda isso pra mim”? e ela vem com todo o cuidado (não tem nada) e ele guarda e ele segura. Aí você vai pra uma de quatro, uma de cinco e fala “você guarda”? e ele fala “não tem nada aqui”. Então essa capacidade de transpor o real e de acionar o imaginário, eu trabalho metaforicamente também. Porque eu também aciono questões muito profundas, mas de uma forma metaforizada. Eu não sei te explicar, talvez eu não tenha nem analisado isso de como é que eu uso a metáfora dentro do livro. E meu processo de escrita é muito isso... eu saio escrevendo meio que como eu tivesse desabafando e depois eu começo a lapidar. E se eu não tenho alguém pra falar assim “para”, eu nunca termino porque sempre que eu leio eu quero mudar alguma coisa. Então tem alguns leitores críticos, tem um grande amigo meu que é escritor também que já me falou “nossa, isso aqui tá muito ruim, senta e vai escrever de novo” ou “não, faz assim”. E isso é importantíssimo, porque muitas vezes as pessoas têm esses medos “não vou falar pra ela”, “o que ela vai pensar”? E esse é meu amigo que é meu leitor crítico mesmo. Algumas coisas no Atrás do Olho Fechado mesmo ele falou “isso eu não gostei”, mas aí eu falei “mas isso é muito meu então não vou tirar. E muitas coisas que ele falou, se eu não tivesse olhado acho que eu teria embarcado em uma onda que não era o que eu queria. E é bacana você ter uma pessoa de confiança que faz uma literatura muito parecida com a minha e é capaz de ler e me fazer a crítica verdadeira “isso aqui tá muito ruim, você é capaz de fazer diferente”. Como o Orlando, que não é da literatura, e imagina ter um livro que é muito mais que isso mesmo, ter

sido um poeminha de encerramento. É um poema curto, singelo, mas o livro é muito mais que isso. A história é muito mais que aquele poema.

A sua escrita é uma forma de comunicação sobre o que você está sentindo para as outras pessoas?

Eu acho que toda arte, toda história... não só na arte, tudo que você faz é uma maneira de você tentar comunicar alguma coisa. E eu vejo isso no livro, no festival, na maneira como eu encaro a literatura, nos livros que eu leio. Até nos livros que eu leio eu acho que eu busco o que aquilo me diz. E antes eu tinha um pudor: nunca parava um livro na metade, nunca levantava no meio de um espetáculo que não me agradasse. Hoje eu acho que isso... se aquilo não me diz nada eu realmente não insisto. Então já parei livro na metade, depois ainda tentei... E a gente tem as nossas vivências entrando em contato. Não como escritora, como ser humano. E tudo isso faz parte mesmo, de um contexto e de uma humanidade. Você não vai procurar uma coisa sem que aquilo faça sentido pra você. Isso que eu bato muito na tecla da questão da infância, adianta você falar... um escritor que vai escrever para uma criança de três anos, de quatro anos de idade e que vem falar de saudades do trem. Aquela criança... tudo bem, ele pode até contar uma história “quando eu era do seu tamanho...” aí sim vai fazer um sentido pra ele. Mas você escrever falando “o borrinho...” aquilo não vai dizer nada, porque aquela criança não tem nenhuma vivência daquele tipo de coisa. A mesma coisa com a gente. Quando você procura um filme ou um livro que não tem absolutamente nenhum link com a sua realidade, aquilo não vai te tocar. Pode até te espantar, pode até aguçar a sua curiosidade. E isso também não é ruim. Mas eu acho que todo mundo que escreve, todo mundo que pinta, que faz um filme tenta dizer alguma coisa. Tenta comunicar alguma coisa.

E quando você viu esse livro pronto, o que você sentiu? Você consegue ter essa visão de leitora?

Eu não consigo ler esse livro sem me emocionar. E eu tô numa situação... eu tirei esse livro da editora. Esse livro agora tá sem casa editorial, eu tô procurando uma casa editorial pra ele. E queria mudar algumas coisas, eu acho que ele não sai mais com o CD se ele sair. E a gente vai encontrar outra forma de disponibilizar a música, talvez um carcode, talvez na internet. Mas ele é um livro que eu tenho um carinho muito grande, que eu não queria ficar sem ele. É aquilo que eu falo: de todos os que eu escrevi, esse é o que é mais eu. É o que tem mais a ver com tudo o que eu queria... não tudo porque eu acho que a gente tem sempre alguma coisa a dizer, tem sempre alguma coisa a partilhar. Eu acho que a palavra que define a minha relação com a leitura, com a literatura é essa: partilha. E isso tá no Festival Uni Duni Ler Todas as Letras, no Festival Itinerante de Leitura. Não é o meu livro, a minha história, os meus amigos que escrevem e ilustram. É o que a gente pode levar para aquele público, o que aquela criança que tá num hospital sendo tratada de câncer, aquela mulher que foi vítima de violência que tá numa casa abrigo com o filho. Que tipo de emoção a gente pode levar a partir do livro? E muito do meu trabalho com a literatura vem de uma frase que eu ouvi de um escritor que eu admiro profundamente, que não tá entre nós também, que é o Bartolomeu Campos de Queiroz que eu tive a alegria de

conhecer, de trocar conversar maravilhosas, livros e histórias. Numa palestra pra professores ele falou que- e isso tá nos livros dele também- mas ele falou que bonito a gente não dá conta de ver sozinho. Toda vez que você se depara com algo maravilhoso, instigante, incrível, a primeira coisa que você pensa: “poxa, porque Fulano não tá aqui pra ver isso aqui comigo”? E aí a gente vai lá no Satre que diz que o inferno são os outros. Vai lá no Walter Hugo que contraria o Satre dizendo que o paraíso são os outros. E eu tô mais pra Walter Hugo do que pra Satre nesse momento, porque eu acho que nada faz sentido se você não pode dividir. E tudo que a literatura me permitiu ao longo da vida, e ainda me permite, eu preciso partilhar, eu preciso mostrar que as pessoas com um livro na mão e um pouquinho de tempo podem fazer grandes mudanças.

E o seu trabalho com os idosos?

Bom, o trabalho com os idosos foi no susto né. Eu escrevia pra criança e eu fazia também uma contação de história em tapete, eu uso violão, fazia um show de leitura, história e cantiga. Eu fui chamada pra fazer um momento de leitura no hospital. E aquilo me deixou muito feliz, foi muito antes de eu pensar no festival, eu sempre quis trabalhar com esse público em hospital. Fui achando que eu ia falar com crianças hospitalizadas. E eu tava com o texto de Caixinha de Guardar o Tempo escrito a mão, porque eu escrevo tudo a mão. E como eu não tinha o livro ainda eu levei outros livros, levei um tapete do jardim encantado, um arco-íris gigante, um violão. Ia contar O Jardim Encantado no tapete. Mas tava com esse livro e resolvi levar essa caixinha. Dobrei o papel e coloquei na caixinha o texto do Caixinha de Guardar o Tempo, que não era livro ainda. Quando eu cheguei no hospital, era um grupo de idosos em tratamento de Alzheimer, que faziam contra turno. De manhã eles iam fazer o tratamento e de tarde eles voltavam pra fazer arte terapia, canto... E eu fui pra fazer esse momento de leitura. Comecei a ler, tirei de dentro da caixinha o papel, li, e é um livro que fala sobre o tempo, a falta de tempo e a memória. É uma menina que resolver criar uma caixinha pra guardar o tempo, e dentro dessa caixinha ela vai guardando tudo o que é importante pra ela. E aí eu uso muita metáfora. Porque ela guardava os bilhetes que ela recebia, os medos que ela escondia, e aí na verdade ela vai guardando tudo o que era importante. Quando eu terminei a leitura, eu falei “a primeira coisa que eu guardaria na minha caixinha é o jardim da casa dos meus avôs em Minas Gerais”, e contei o Jardim Encantado no tapete. E ali eu não sabia que grupo era aquele, por que eles estavam ali, vi que tinham umas pessoas que realmente pareciam que estavam em tratamento, e aí resolvi passar a caixinha e falei “e vocês, o que vocês guardariam dentro da caixinha de vocês”? E aí a primeira senhora falou “eu guardaria a vela pro meu enterro porque eu tô mais pra lá do que pra cá”. E eu falei “uau” eu vim preparada pra contar história pra criança, eu não sabia como eu ia sair daquilo. Aí passou e um senhor falou “eu guardaria o cheiro do café da minha vó, em dias de chuva na fazenda, porque a gente morava numa fazenda, o telhado era de zinco, e quando chovia o barulho fazia um barulho muito forte, as crianças ficavam em pânico e a vovó botava todo mundo ao redor dela, fazia café com bolinho de chuva, contava histórias, e servia pra cada neto em xicarazinhas de ágata. A minha é azul e eu guardo até hoje”. Terminou, fechou a caixinha e passou. A senhora que estava ao

lado dele abriu a caixinha e chorou copiosamente dentro da caixinha, fechou a caixinha e não falou nada. E assim foi, um falou que guardaria o primeiro sorriso dos filhos, “eu guardaria a voz da minha avó”, e assim foi... muitas memórias, era um rio que atravessava a casa onde a gente morava... foram muito pras lembranças. No final, o médico que coordenava aquele trabalho com os pacientes com Alzheimer no Hospital de Brasília pegou no meu braço e falou assim “olha, você vai ter que voltar” e eu perguntei por que, “porque aquele senhor que falou com tanto detalhe da fazenda, do café, da cor da xícara, de como eram as histórias... ele não falava a seis anos, e ele já não reconhecia ninguém da família. Então alguma coisa na sua história acionou, destampou essa vontade de falar. E ele falou que se você voltar aqui ele vai trazer a xícara que ele guarda até hoje”. E aí eu não só voltei na outra sexta, como em todas as outras durante dois anos. E esse trabalho eu tive que interromper porque a minha rotina impediu. Eu comecei a viajar muito pra participar de feiras, fazer formação em outras cidades, formação de mediação de leitura, e pra eles não funcionava eu ir uma semana e faltar duas. Então eu tive que parar, mas foi assim que começou. E o festival nasceu um pouco desses trabalhos individuais que eu fazia, a oficina do letramento materno começou com o meu grupo de grávidas, quando eu tava grávida da Bia em 1998. Uma das mães falou assim “você não tem nenhuma dinâmica”? Porque eu sempre fui muito faladeira, e falava do meu amor pelos livros, da leitura. E ela falou assim “você não tem nenhum grupo que possa integrar os maridos na gravidez, não? Porque o meu marido, eu tô no oitavo mês de gravidez, e até hoje parece que ele não percebeu eu eu tô grávida, que ele também faz parte disso, que ele também tá gravido”. E aí na hora eu falei assim “vamos fazer um clube de leitura pra barriga” e aí as mães acharam aquilo lindo. E aí a gente marcou que uma vez por mês a gente se reuniria pra fazer leitura com voz alta pra barriga. No primeiro encontro tinha um pai extremamente emburrado, ele devia ter mil afazeres, e ele devia tá assim “o que que essa louca inventa de vir aqui ler pra barriga”... No terceiro encontro ele tava recitando pra barriga e fazendo gestos, então aquilo foi muito marcante. Quando os bebês nasceram as mães falaram “mas agora que eles nasceram acabou”? E eu falei “mas você não queria era pra envolver na gravidez? A gravidez acabou”... “não, mas a gente quer continuar lendo com os bebês”. E aí eu criei outra oficina que era o Experimente a Palavra. Era a ideia da leitura sensorial, eles não lêem ainda, mas eles percebem com os outros sentidos, com todos os sentidos as leituras, as histórias. Aí nasceu o Experimente a Palavra. Do Experimente a Palavra nasceu o Uni Duni Ler, que era um clube de bebês leitores, em que a gente trocava livros semanalmente e experiências de leitura compartilhada. E aí eu pensei “já tenho o caixinha de guardar o tempo, tem a leitura com bebê, tem a leitura no ventre, vou juntar isso tudo e fazer um projeto pra apresentar no fundo de apoio a cultura pra levar isso as escolas, às creches, aos asilos”. Eu trazia escritores, ilustradores fazendo vaquinhas com os pais pra pagar passagem, hospedagem, cachê. E aí eu pensei se eu tiver um apoio eu tenho com o fazer isso e percorrer os lugares onde eu nem sempre conseguiria. Porque eu não tenho como cobrar daquelas pessoas da creche, do asilo. E aí eu apresentei o projeto e em 2012 ele foi aprovado, realizei em 2013, 2014, e estou agora em plena ação do terceiro festival, já pensando no edital do próximo. Então assim é o festival, ele juntou essas ações leitoras todas.

E acontece com o fundo de apoio a cultura que me permite trazer os convidados e itinerar essas ações leitoras. E pros convidados é muito interessante também, porque os escritores e ilustradores que vêm são muito experientes mas nunca tinham feito, por exemplo, uma leitura com cegos. Então todos eles saem muito mexidos do festival. São experiências assim, com creches, com bebês autistas, e aí a gente vê que a boa literatura não tem idade. Aquele escritor que geralmente fala com público jovem, mas que tem uma história bacana se comunica também com esse público e essa é a ideia do festival. Por isso Uniduniler todas as letras. A gente juntou os idosos, os bebês, as crianças com necessidades especiais, crianças hospitalizadas, as mães em casa abrigo. A minha ideia é também levar a leitura para bebês para dentro da penitenciária, pra fazer com os bebês das encarceradas. Então a ideia é essa, é levar a leitura onde ela nem sempre chega.

Você quer falar mais alguma coisa?

Eu quero falar das pipas... A ideia da minha relação com a leitura é que a escola desvirtuou muito. Porque você lê pra preencher uma ficha literária, pra fazer uma prova. Você não lê pelo simples prazer de descobrir uma identificação, ou uma não identificação com a história. E essa ideia de trazer o livro pra pipa veio nessa vontade de associar mesmo a leitura a brincadeira. E a gente têm vivido tempos tão sombrios... na política... Brasília sempre foi muito associada aos desmambos, à corrupção... a gente sempre fazia as pipas poéticas do festival, todo ano tem, desde 2013. Há uma revoada poética. As crianças liam, escreviam poemas, ou um trecho de um livro que elas mais gostavam, e elas empinavam essas pipas que elas mesmas escreviam. E esse ano eu resolvi convidar escritores e ilustradores que já fizeram parte do festival, que fazem parte, pra mandarem trechos e ilustrações pra gente fazer pipas poéticas. E a ideia é realmente fazer um pipaço na esplanada, que é um cenário também super conhecido de protestos. A gente vai colocar 250 crianças da Ceilândia, aqui do entorno da capital, pra poder empinar versos, empinar ilustrações, é também uma forma, um grito, um pipaço pra dizer que a gente precisa empoderar a infância, a gente precisa dar poder pra infância. E da maneira que eu acho que tem que acontecer, pela leitura, pela brincadeira. A gente fez uma oficina com essas crianças lá do SESC de Ceilândia que vão empinar as pipas poéticas, e uma das crianças terminou de ler a pipa... gaguejando, e quando terminou disse assim “tô muito emocionado, esse é o primeiro livro que eu leio, e assim como a minha imaginação ele vai voar”. E aquilo eu não gravei, fui tentar gravar de novo o depoimento, não foi igual..., mas aquilo vai ficar comigo pra sempre... o olhinho brilhando daquele menino que leu e que falou “agora a minha pipa vai voar, minha história vai voar”. Então assim, eu vou brincar de empinar livro. E essa é a ideia, a gente pode sim ter uma relação com a leitura que seja prazerosa, pela brincadeira, pela descoberta. E ficaram lindas, tem 14 modelos de pipas, uma mais linda que a outra, e isso já virou patrimônio do UniDuniLer. Todo ano a gente vai ter uma revoada poética com essas pipas.

Entrevista com Tereza Padilha

Você pode se introduzir? Falar um pouco da sua experiência com a arte...

Bom... A minha mãe sempre teve essa preocupação mesmo em relação ao teatro... eu quando era pequenininha ia muito à ópera, então eu escutava... eu achava engraçadíssimo, então aquilo marcou muito a minha infância, e também no Rio de Janeiro eu me lembro que eu assistia às peças da Maria Clara Machado. E aquilo realmente me fascinava, eu achava que o teatro, tudo aquilo que eu via era muito importante pra minha alma, pra viver né. Mas eu não tinha exatamente aquela noção..., mas eu gostava muito de ir, então começou desde pequena. Depois quando eu fiquei mais velha eu lembro que eu ia muito ao Ginástico Português no Rio de Janeiro pra assistir os ensaios da Célia Biar, de outros atores e atrizes e eu ficava muito encantada com tudo aquilo, achava aquilo o máximo. Mas eu também tinha envolvimento com a ginástica, a ginástica olímpica que eu fazia. Eu fazia muitas atividades e corria pra um lado, corria pro outro... mas sempre com a vontade de fazer um trabalho na área de teatro. Bom, aí eu casei aqui em Brasília...

Você nasceu e cresceu no Rio?

Sou carioca, nasci no Rio, mas eu vivi muito pouco no Rio, eu viajava pelo Brasil, e pra fora do Brasil também. Então minha vida não foi só no Rio de Janeiro, eu sempre tava passeando. E quando eu me casei eu logo tive a minha primeira filha, a Patrícia, aí eu me envolvi muito com ser mãe, eu era aquela mãe muito presente aí eu deixei um pouco adormecido essa questão da arte, porque eu fui me dedicar a questão de ser mãe. Depois eu tive a minha segunda filha, a Mariana, e depois veio o meu terceiro filho, o Tiago. No meu terceiro filho, foi aí que aconteceu algo muito difícil na minha vida... eu perdi o meu filho, ele teve uma doença, meningite. E aí eu não consegui salvar o meu filho. E aquilo foi muito, muito difícil na minha vida. E eu não sabia exatamente pra onde ir, o que fazer... como é que a gente consegue viver perdendo um filho... É muito difícil. E aí o que que eu fiz? Dentro de mim começou a aparecer mesmo aquela questão da arte... porque eu queria fazer arte para as crianças, porque eu queria de alguma forma... trabalhar isso... essa dor muito forte que foi a perda do Tiago. Aí eu comecei a trabalhar nas ruas, pegava as crianças nas ruas e montava um espetáculo para as crianças. E aí eu não sabia exatamente o que eu fazia com aquilo... eu só montava o espetáculo. E pra atrair as crianças eu fazia aquele bolo enorme... botava na rua, cortava aquele bolo e falava “olha, depois do ensaio a gente vai comer bolo”, então já era um atrativo pra eles. Então eles vinham, faziam o espetáculo e eu comecei a levar nos orfanatos, comecei a levar em alguns lugares, eu lembro que eu fiz um espetáculo também na AABB. E eu achava o máximo aquilo... eles ofereciam o lanche... então eu achava aquilo sensacional. E as minhas filhas começaram a se envolver na arte também, a Mariana e a Patrícia começaram a se envolver, uma fazia jazz, a outra fazia ballet clássico. E eu comecei a colocar elas nesse mundo das artes. Mas elas não conseguiram continuar nesse mundo... Uma trabalha na área de direito e a outra foi para a veterinária, e eu fiquei com a arte. A gente tem que respeitar também o que as pessoas querem, elas optaram por isso

então pra mim foi... o caminho delas, e a gente não pode atrapalhar o caminho das pessoas que a gente gosta muito, que a gente ama, que são nossos filhos, nossos amigos... até os nossos inimigos, a gente não tem que atrapalhar o caminho das pessoas, elas tem que caminhar. Durante um tempo a Patrícia ainda ficou no teatro me ajudando, me auxiliando, ela fez grandes projetos, uma pessoa incrível, eu agradeço eternamente tudo que ela fez por mim, pelo teatro.... Aí eu comecei a seguir com essa questão de fazer um trabalho. Só que eu precisava... como eu ensaiava nas ruas, e era engraçado porque eu ficava ensaiando, aí vinha chuva, aí todo mundo saía correndo pra debaixo de casa... “parava chuva”, aí a gente voltava pra ensaiar. Então pegava cenário, montava cenário, pegava figurino molhado. Era uma confusão. Mas a gente ensaiava nas ruas. Foi aí que eu tive a ideia e conversei com o Marcos. Falei “Marcos, a gente precisa de alguma forma fazer o teatro em algum lugar que não caia chuva”. E ele falou “é mesmo”, aí eu falei “já sei, vou fazer o teatro aqui na nossa casa”, ele falou que não dava, aí eu chamei o engenheiro pra ver se tinha condições de fazer o teatro em cima da minha casa. Aí o engenheiro falou “é impossível fazer isso, imagina, essa casa não tem estrutura pra aguentar uma parte superior”. E eu fiquei com aquilo na cabeça, queria fazer um teatro, queria fazer um teatro, e queria um espaço pra fazer. Foi aí que tivemos a ideia de comprar essa casa. E foi muito difícil, porque tudo era muito difícil, tanto agora como naquela época. Nós compramos esse espaço e começamos a obra. Só que não tinha subsolo na obra. Mas eles quebraram a casa inteira. Eu já tinha feito planta, já tinha pago tudo. Mas enfim, eu cheguei pro Marcos e falei “não tem como a gente fazer o teatro embaixo que é melhor, no subsolo”? E ele falou assim “mas vai ter que fazer uma nova planta” e eu “mas a gente faz uma nova planta, a gente bota uma nova arquitetura. Vamos fazer”, “vamos fazer”. Eu me lembro que as pessoas aqui na rua falavam “que absurdo um teatro aqui” então elas tavam muito preocupados porque o teatro era um grande bicho papão, então era uma confusão. E aquilo não podia existir numa área residencial, um teatro. E eu comecei a perguntar, “mas por que não? Um teatro é tão bacana, além de ter um teatro a gente poderia incentivar... ter um teatro, ter um cinema e tanta coisa bacana”. Mas foi muito difícil eu conseguir convencer as pessoas a importância de se ter um espaço de arte e cultura numa área residencial, que é onde eu estou até hoje, vinte e cinco anos. Depois disso, de tentar explicar pra toda a vizinhança, eu consegui conquista-los. Foi difícil a conquista, mas eu consegui conquista-los. Depois de um tempo que abriu o teatro, com aula, eu tava dando curso, era muita gente aqui no Mapati. Era gente que vinha pra colônia de férias, era gente que vinha pra espetáculo, eram muitos jovens, meninas novas que vinham fazer teatro. Inclusive a grande maioria estão aí nas praças trabalhando e fazendo tanta coisa. A Ana Paula Grande é uma menina que hoje trabalha na área de produção, inclusive ela tá trazendo até verba pro Mapati. Então eu fico muito feliz de perceber que algumas das meninas que naquela época estavam aqui continuaram. E nisso eu continuei de novo a sentir aquela coisa de “poxa, tá bombando, tá vindo gente, tá tudo maravilhoso, a gente tá conseguindo crescer com espaço de cultura, com arte e tudo mais, mas eu acho que eu preciso de alguma coisa a mais”. Eu tinha que buscar de alguma forma o que era. Aí eu falei assim “todo mundo que vem aqui tem condições de pagar” Aí eu tive a ideia de construir um caminhão. Porque aí a gente vai levando arte por todo o país. E levar

teatro não é fazer teatro de rua, é fazer teatro na rua. Eu fiz o caminhão, que inclusive tá lá em cima, eu vou mostrar pra vocês. Nós fizemos um caminhão e começamos a levar o teatro nas ruas, onde não tem... em comunidades onde não tem nada. E as pessoas começaram a ver coisas bacanas, a assistir espetáculo, a conversar sobre o que é teatro, como é a arte, como se faz. E eu tive durante esse tempo todo viajando pelo Brasil experiências maravilhosas. Falando com pessoas muito simples, falando com pessoas não tão simples. Falando com chefes, líderes comunitários pra gente poder colocar o caminhão ali, pra levar um espetáculo de teatro. Então essas histórias todas, esse trabalho todo que eu fiz durante muitos anos foi assim... me enriqueceu demais. E eu me tornei uma pessoa assim... daquela época pra cá eu fui... melhorando como pessoa mesmo. Porque eu comecei a ver como o país é diferente. Como a gente tem tanta coisa interessante e rica que a gente as vezes abandona porque acha... “não, mas não é tão interessante isso. Aquele violeiro daquela cidade de Goiás... não, não é uma coisa bacana”. Mas o cara é incrível! E aí eu cheguei ao ponto de dizer a você agora, a vocês todos: como é importante a gente “desesconder” as pessoas pelo país a fora. E isso eu consegui muito também com projetos maravilhosos do Mapati, um deles é o ponto de cultura, que é uma rede de arte e de cultura no país inteiro. São coisas que você vai conhecendo as pessoas, você vai conhecendo como que o nosso país e o nosso povo é rico em arte e em criatividade... é uma coisa assim... que eu não imaginava. Então é com essas viagens (inclusive eu viajo até hoje) é que eu vou observando pessoas, eu fico cada dia mais encantada. Então eu penso assim “o que transformou, qual foi a transformação”? A transformação, ela veio também porque eu quis, eu me permiti. Porque também não é só vindo com a arte que ela vai te transformar, você tem que se permitir, você tem que aceitar, você tem que abraçar. Você tem que saber como abraçar as pequenas manifestações, que no fundo elas são tão significativas, elas são tão importantes. E a gente tem que buscar mesmo essas pessoas simples. Você percebe, as vezes um cara que faz uma escultura maravilhosa. Ele não sabe ler, não sabe escrever, mas ele tem uma habilidade que é inacreditável. Então isso a gente não pode esquecer, que tem essas pessoas pelo Brasil a fora. E eu tive a honra, tive o prazer, a felicidade de estar junto de tantos mestres da área de cultura, pessoas maravilhosas que vem fazendo... pessoas muito simples. Então essa experiência toda pra mim é muito importante. E é importante que a gente tenha esse incentivo pra buscar cada vez mais e caminhar e trabalhar com essas atividades e manifestações culturais. Então, eu penso assim, então imagina... arte pra mim é isso, é tudo isso. E muito mais porque eu continuo caminhando. Eu não vou parar nunca de caminhar, porque quando a gente para aí não funciona.

E como você acha que o seu trabalho afeta a vida dessas pessoas? O que você acha que muda nelas?

Eu não digo que o meu trabalho, de alguma forma, afeta. Eu digo que existe sempre umas trocas. Então, tanto eu, de alguma forma, tenho essa ligação- principalmente com as crianças- como as pessoas também tem essa ligação comigo e isso faz com que a gente tenha uma comunicação mesmo de trabalho. A gente compartilha, a gente conversa, então isso que faz a transformação. Não é simplesmente eu com o meu trabalho, ou aquela pessoa com o trabalho. Somos nós. Então as vezes quando uma

criança, ela vem com uma coisa muito simples eu consigo... aquilo me afeta profundamente. Isso pra mim já consegue me transformar. E eu as vezes trabalho com essas crianças, tento buscar essas transformações dentro do que elas gostam de fazer. Eu não gosto muito de levar, eu gosto muito que a gente se leve, que a gente continue trabalhando e fazendo as brincadeiras juntos. Então é isso, eu não vejo que eu transformo... ou que as pessoas transformem. Eu vejo que nós nos transformamos juntos.

Você é atriz, diretora...

Na realidade eu me formei como atriz. A minha professora era a Dulcina de Moraes, eu aprendi demais com ela, foi uma pessoa incrível. Aprendi muito essa questão da disciplina com ela. Não só com ela, com o Murilo Ecarte, com outros mestres também que não estão mais nesse mundo. Muita coisa eu aprendi com essas pessoas... eu me formei como atriz, mas aí quando você se forma como atriz você tem aquela veiazinha também de diretora. Então eu acho interessante essa parte também de dirigir... dirigir ator. Só que eu gosto de dirigir o ator. Eu não sou uma diretora de espetáculo, eu sou uma diretora de ator. Então a minha preocupação é “o que aquele ator tá conseguindo transmitir, o que vai ser transmitido pra plateia”. Então eu trabalho muito essa questão.

Tem alguma peça que se destaca na sua carreira pra você?

Olha eu tenho alguns espetáculos... eu fiz um espetáculo chamado Os Biombos, quem me dirigiu foi o Jean Jaque, ele é da Universidade de Paris. Ele fez um trabalho tão bonito. Foi feito lá no Dulcina, no porão do Dulcina. Pra mim foi um dos trabalhos mais significantes porque falava muito da questão social. Das famílias, falava de pessoas excluídas. E eu gosto muito de falar sobre isso com as crianças. Eu tenho esse lado social muito forte. E esse lado social tá muito ligado na minha vida, no meu cotidiano. Então eu fiz grandes trabalhos. Fui no Canadá com jovens meninos e meninas em situação de risco. Então eu tô muito ligada nessa questão, inclusive até hoje eu tenho essa ligação muito forte.

E as suas filhas? Na época que você estava construindo o teatro como foi pra elas?

Qualquer coisa ligada a arte, você consegue pegar alguma coisa... por exemplo: faz você ficar mais desinibida, você conversa melhor, você consegue... as vezes você tem um trabalho de escola você não sabe como falar... a arte te ajuda muito nisso. Então eu acho que em relação as minhas filhas, eu acho que isso de alguma forma fez com que elas se transformassem. Elas conseguiam falar em frente ao público... que as vezes é difícil você falar. Até eu sinto dor na barriga quando tenho que falar, mas é normal. Mas é claro que ajudou muito... A Patrícia fez marketing cultural, mas agora ela buscou essa área de direito e ela tá nessa caminhada tão bacana, tão importante na vida dela.

Você trabalha tanto com crianças quanto com adultos, quais as diferenças que você vê?

A criança tem uma coisa interessante: eu consigo pegar com a criança coisas simples e transformar. A criança as vezes tá conversando contigo e bota aqui... ah eu sou uma rainha, esse aqui é um cavalo. Então ela é muito no raciocínio, e o adulto não... ele tem essa questão de ter receio de alguém chamar a atenção... uma série de coisas. O adulto vai chegando num ponto... “eu não posso fazer isso porque vão rir de mim” ou então “é meio ridículo”. Nada é ridículo na vida quando você tem que fazer e você faz de uma forma bacana. Que faça bem feito, ou faça mal feito, mas que faça. Isso a gente tem que.... Então eu gosto mais de trabalhar com a criança porque ela me ensina muito mais, apesar de gostar muito também dos adultos. Mas a criança pra mim é uma coisa fantástica.

E as suas inspirações?

A minha inspiração é isso aqui, o teatro. A minha vida é isso aqui. As vezes quando eu viajo eu sinto falta, eu sinto saudade de tá aqui, nessa confusão. Por exemplo, lá em cima com aula de dança, lá embaixo com aula de teatro, ali aula de culinária, lá do outro lado aula de produção. Então isso pra mim me alimenta como pessoa. Eu gosto muito daqui, eu acho um lugar mágico. E quando você perde a magia, você perde muita coisa, perde o sentido de muita coisa na vida. E eu continuo buscando muita coisa aqui dentro, eu não paro. De manhã cedo eu já começo a trabalhar. Às vezes eu tô montando texto, fazendo música, montando figurino (você deve ver que tem muita coisa com figurino por aqui), a gente trabalha pra festa... e tudo muito manual. A gente não deixa de fazer as coisas manualmente, que isso é muito gostoso e isso é bem legal.

Eu queria saber um pouco do seu processo criativo. Como você entra num personagem, como você faz uma direção?

Olha só, processo criativo. Por exemplo, eu fiz um espetáculo, um monólogo falando sobre as mulheres no sistema prisional. O espetáculo chama-se A Cela. Eu fiz um trabalho de pesquisa, eu fui no sistema prisional, eu observava as atitudes das mulheres. Eu observava como elas falavam entre elas. Isso me fez criar a personagem, que inclusive não tinha nome mas o nome do espetáculo era A Cela. E pra mim, eu tinha que justamente buscar a essência de cada mulher dentro do sistema porque eram várias mulheres e eu conversava com várias mulheres dentro de cena, sem existir nenhuma. Foi um processo longo, mas foi muito bacana porque eu aprendi muita coisa. E teve outro espetáculo também- chamado Sofia- e esse espetáculo eu entrava em cena completamente nua, só com o cabelo bem longo. E por que eu entrava nua? Inclusive num momento eu questionei “por que eu tenho que entrar nua”? Porque eu fazia vários personagens ao mesmo tempo. Então eu fazia uma velha, eu fazia uma jovem, eu fazia Deus, eu fazia o demônio, eu fazia tudo. E a única forma que eu consegui expressar isso foi através do corpo. E o meu corpo tinha que realmente falar o que era cada personagem. Foi um processo demorado, foi longo, mas eu penso que foi um bom resultado. E um bom resultado com esse espetáculo A Cela. Tive dois grandes diretores, uma foi a Helena que me trabalhou muito, ela é socióloga. E o outro foi o Jean Jaque que é diretor de teatro.

Quando você estava abrindo o Mapati, qual era o seu objetivo principal?

Na realidade eu achava que seria um espaço de ensaio apenas. Era pra ensaiar os artistas, não tava pensando em fazer escola, não tava pensando em fazer absolutamente nada. Só que tinha uma menina chamada Mariana Benevole, hoje ela tá no Rio de Janeiro, tá na área de Cinema. Ela era pequenininha, tinha cinco anos e ela queria fazer aula. Foi aí que eu comecei a dar aula de teatro. Mas não era o meu objetivo dar aula, meu objetivo era fazer espetáculos e ponto final. Mas aí eu comecei a me envolver e as crianças começaram a chegar, e vinha gente de tudo quanto é canto e eu comecei a dar aula. E as pessoas que passaram aqui, a grande maioria tá fora de Brasília. Eles seguiram rumo e isso é muito bacana porque entrou, fez o trabalho e foi criar asas mundo a fora. E aí depois disso o Mapati continuou e hoje ele é espaço de arte de cultura, de tudo...colônia de férias, e tem trabalhos manuais, tem circo, dança, artes visuais... enfim, é isso.

Como você falou, a vizinhança não gostou muito quando vocês chegaram aqui. Hoje em dia é bem diferente, né?

Hoje é diferente como eu falei pra você. Foi um processo de convencimento. Vamos convencer o pessoal daqui a importância disso daqui. E hoje eles têm um carinho pelo Mapati. Mas isso foi conquistado... foi difícil. Hoje por exemplo o pessoal reclama do barulho "não pode ter barulho". Não pode ter barulho nem de manhã, nem de tarde, nem de noite, hora nenhuma aqui. Mas isso não vem dos vizinhos aqui das casas, vem dos vizinhos dos prédios. Construíram um prédio aqui... e realmente as vezes a gente tem uma certa dificuldade. Mas o que a gente faz? A gente convida as pessoas para virem aqui, conhecer o espaço, saber como é aqui e tudo.... É uma forma de a gente explicar que aqui é um lugar bacana, necessário. Nós temos trabalhos com crianças que as vezes tem problemas com bullying, aí eles vêm pra cá fazer um trabalho. Tem problemas psicológicos, aí vem pra cá fazer um trabalho. Aqui no Mapati a gente busca não ter uniforme, cada criança tem que vir com a roupa que quiser. Porque a gente tá falando de arte... e você fala de arte e já começa a colocar camiseta... tanto que com a colônia eu parei com essa coisa de camiseta. Isso não é liberdade, liberdade é você vir do jeito que você se sente feliz, se sente bem. Isso já é um processo de trabalho que a gente faz aqui. A gente faz um trabalho do rio aberto que é um trabalho quando as vezes a pessoa sai de um processo muito difícil na vida... elas vêm fazer um exercício de corpo, e elas começam a trabalhar essa perda... as vezes a pessoa perdeu um filho, ou perdeu uma companheira ou companheiro. E as pessoas vem aqui trabalhar isso. E aqui no Mapati também a gente faz um trabalho que tem umas feirinhas orgânicas, que é um projeto da Daisy, que já trabalha com a gente a algum tempo. É um projeto que se chama Rolê Vegano. E a gente também tem os projetos da gente que a gente desenvolve aqui no teatro com esse intuito.

O que você vê no seu futuro?

O meu futuro é aqui, é a coisa que eu mais gosto. É como eu te falei, quando eu viajo, eu sinto falta disso aqui. Eu quero aqui. Eu posso viajar, ir pra São Paulo, Rio, ver

outras coisas, eu faço trabalhos fora..., mas eu sempre volto pra cá. Aqui é o meu lugar, é aqui que eu quero viver e aqui que eu quero passar a minha vida.

Acho que já terminei as minhas perguntas, tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Eu gostaria que houvesse mais espaços de arte, mais espaços de cultura pelo Brasil a fora.... Que o governo se sensibilize com essa questão e coloque galpões, que coloquem casas, pra fazer com que esses artistas venham contaminar a comunidade. Eu acho que a gente vai ter um país bem mais interessante.